



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

PABLO AUGUSTO SANTOS TEIXEIRA

ENTRE RISOS E RACISMOS: as representações humorísticas de Hemetério José dos Santos na imprensa do pós-abolição carioca (1900-1920)

CODÓ - MA

2025

PABLO AUGUSTO SANTOS TEIXEIRA

ENTRE RISOS E RACISMOS: as representações humorísticas de Hemetério José dos Santos na imprensa do pós-abolição carioca (1900-1920)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Licenciado (a) em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva.

CODÓ - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos Teixeira, Pablo Augusto.

ENTRE RISOS E RACISMOS: as representações humorísticas de Hemetério José dos Santos na imprensa do pós-abolição carioca 1900-1920 / Pablo Augusto Santos Teixeira. - 2025.

76 p.

Orientador(a): José Carlos Aragão Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2025.

1. Hemetério José dos Santos. 2. Negro. 3. Racismo Recreativo. 4. Representação. 5. Revistas Ilustradas. I. Aragão Silva, José Carlos. II. Título.

ENTRE RISOS E RACISMOS: as representações humorísticas de Hemetério José dos Santos na imprensa do pós-abolição carioca (1900-1920)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Licenciado (a) em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva (orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profª. Dra. Luara dos Santos Silva
Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro - SME
Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí - SEMED

CODÓ - MA

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a força que tem me sustentado durante toda essa jornada. Saúdo todos aqueles que vieram antes de mim e ajudaram a abrir as veredas que meus passos estão a trilhar. Eu sou porque vocês foram.

Agradeço a minha família que direta e indiretamente contribuíram para minha trajetória. Em especial aos meus pais Deusilene e Carlos Augusto pelo apoio incondicional, suporte e incentivo para que eu continuasse minha jornada acadêmica. Sua confiança em minha potencialidade impulsionou todo o processo de idealização, pesquisa e escrita desta monografia. Vocês são a maior e absoluta inspiração para continuar.

Aos meus amigos Daniel e Cleomara pelo apoio, interesse nas minhas pesquisas e por amenizar esse estressante processo através de nossas conversas despreziosas e aleatórias sobre novelas, programas e memes.

Aos amigos e colegas que a universidade me proporcionou, como Inês, Bruna, Carol, Ana Luisa, Gildean, Francisca Vitória e outros tantos que aqui reverencio. Esses anos de convívio e trocas de experiências foram de vital importância para minha formação como pessoa, universitário e pesquisador.

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Codó, pela oportunidade de acesso a um ensino público e de qualidade, pelo incentivo à pesquisa e pela assistência ao longo do curso.

Ao Prof. Dr. Antônio Alexandre Isidio Cardoso por indicar o professor Hemetério como tema de pesquisa e, mesmo não sendo meu orientador, se interessar pelo andamento do trabalho. Seu convite e orientação ao longo do projeto de pesquisa do Pibic financiado pela UFMA, a quem também agradeço, foram de crucial importância para minha construção enquanto pesquisador. Essa experiência descortinou outro campo temático que se tornou minha paixão, que foi a história indígena no Maranhão do século XIX.

Ao Grupo de Estudos Pesquisas em História Social dos Sertões (GERPHSertões) pelas discussões e debates que suscitaram diversas reflexões sobre a história daqueles que vieram de baixo, os excluídos da história oficial. A troca de experiências no grupo aguçou ainda mais meu desejo pelo ofício de historiador.

Ao Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva, que escolheu orientar meu trabalho e acreditou na sua potencialidade. Agradeço sua sabedoria em ir podando as arestas do meu desejo de abordar tudo de uma vez, ainda lembro das reuniões em que o senhor falava que era só uma monografia e que deveria deixar as outras questões adicionais para o mestrado. Além das

conversas presenciais e online que ajudaram a estruturar o trabalho e suscitaram diversas reflexões contidas nas páginas a seguir.

Agradeço a Profa. Dra. Luara dos Santos Silva, da Universidade Federal Fluminense (UFF), por aceitar o contato via redes sociais e pelo fornecimento de sua tese de doutorado, num momento em que ainda não havia encontrado disponível na internet. Saúdo a Profa. Luara em conjunto com o Prof. Dr. Aderaldo Pereira dos Santos (*in memoriam*), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que foram os principais responsáveis pelo maior resgate da trajetória de Hemetério e se tornaram referências na temática. Seus pioneirismos forneceram as bases necessárias para a construção dessa pesquisa.

Por último, agradeço aquela que é o fio condutor de meu desejo acadêmico, a maior inspiração de minhas pesquisas atuais e espero que no futuro: Codó. Uma terra com uma extensa história de lutas, contradições, vida e morte, resistências, trabalho, cidadania, desigualdades, religiosidades, cultura e mistério. Um lugar forjado no massacre de indígenas, na ocupação de portugueses, na imigração de sírios/libaneses e acima de tudo, uma terra de pretos. Um grande quilombo às margens do Itapecuru.

Esta cidade negra no sertão do Maranhão em que nasci forjou minha identidade e, sem que eu soubesse, me ligou ao sujeito de minha pesquisa, Hemetério José dos Santos. Um ilustre conterrâneo que tive o prazer de conhecer recentemente e desejo continuar divulgando sua história para todos que se interessarem, em especial os codoenses e outros maranhenses.

A essa terra em que o sagrado e o profano andam lado a lado, agradeço.

O NEGRO

I

*Bem longo o teu soffrer ... De longa data,
O Egypto, a Nubia, a Lybia antiga, e a Espanha
A Arabia, e montes, valles que o rio banha
Do Paraizo, e toda a terra ingrata*

*Da America formosa, que se engata
De um pólo a outro alto pólo, gente estranha
Contra ti, contra os teus, atroz campanha
Move sem piedade! e a vil chibata*

*Retribui com bruteza o teu serviço
De com sangue regar a terra dura
De com o leite nutrir o filho alheio.*

*Neste soffrer cruel e abafadiço,
Trazes o sol na tua pelle escura,
E o perdão se irradia do teu seio*

Hemetério José dos Santos

(Fructos Cadivos, 1919)

Aos meus avós maternos José Benedito dos Santos (*in memoriam*) e Maria de Jesus Alves de Souza (*in memoriam*).

Aos meus avós paternos Alderico Dias Teixeira e Leunice Neres da Silva, a Vó Boneca (*in memoriam*).

Do fundo do meu coração, eu os saúdo. Obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa monográfica interpreta as representações humorísticas referentes a Hemetério José dos Santos, contidas nas revistas ilustradas cariocas do início do século XX. A investigação se desenvolveu através da catalogação de textos humorísticos, caricaturas e charges em periódicos como *Tagarela*, *O Malho*, *Careta*, *Fon Fon*, *Revista da Semana* e outras consultadas no acervo da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. O recorte temporal escolhido foi de 1900 a 1920, período em que a atuação pública de Hemetério foi mais intensa. O material coletado foi analisado a partir dos conceitos de Representação, de Stuart Hall (2016), e Racismo Recreativo, de Adilson Moreira (2019), além de outros autores que nos ajudaram a interpretar o final do século XIX e início do XX. Através da análise desse material humorístico de cunho racista, foi possível compreender os discursos produzidos pela sociedade carioca diante de um intelectual preto que se posicionava publicamente contra o racismo científico e em defesa do negro. A trajetória desse intelectual negro está grafada neste trabalho em três capítulos, onde o primeiro trata de sua trajetória de Codó ao Rio de Janeiro; passando em seguida para suas batalhas na arena da imprensa carioca; finalizando com o terceiro capítulo que trata de Hemetério e o racismo em suas representações humorísticas.

Palavras-chave: Hemetério José dos Santos; Negro; Racismo Recreativo; Representação; Revistas ilustradas.

ABSTRACT

This monographic research interprets the humorous representations of Hemetério José dos Santos, contained in illustrated magazines from Rio de Janeiro in the early 20th century. The investigation was developed through the cataloging of humorous texts, caricatures and cartoons in periodicals such as Tagarela, O Malho, Careta, Fon Fon, Revista da Semana and others consulted in the collection of the Hemeroteca Digital, of the National Library. The time frame chosen was from 1900 to 1920, a period in which Hemetério's public activity was most intense. The collected material was analyzed based on the concepts of Representation, by Stuart Hall (2016), and Recreational Racism, by Adilson Moreira (2019), in addition to other authors who helped us interpret the late 19th century and early 20th century. Through the analysis of this humorous material of a racist nature, it was possible to understand the discourses produced by Rio de Janeiro society in the face of a black intellectual who publicly positioned himself against scientific racism and in defense of black people. The trajectory of this black intellectual is written in this work in three chapters, where the first deals with his trajectory from Codó to Rio de Janeiro; then moving on to his battles in the arena of the Rio de Janeiro press; ending with the third chapter which deals with Hemetério and racism in its humorous representations.

Keywords: Hemetério José dos Santos; Black; Recreational Racism; Representation; Illustrated magazines.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Retrato de Hemetério dos Santos	13
Figura 2: Fotografia de Hemetério dos Santos	23
Figura 3: Professora Rufina Vaz de Carvalho Santos	26
Figura 4: Corpo docente do Colégio Militar em 1908	30
Figura 5: Inauguração do Gymnasio Brasileiro	31
Figura 6: O Sr. T. Rice como o Jim Crow original	38
Figura 7: O professor Hemetério dos Santos em companhia de alguns alunos	40
Figura 8: O ensino de portuguez no Collegio Militar	42
Figura 9: Resposta ao sr. Alcindo Guanabara	46
Figura 10: UM SUSTO	50
Figura 11: SOMBRINHAS FALLANTES	52
Figura 12: O soneto de Emílio	55
Figura 13: O NOVO CONSELHO MUNICIPAL	57
Figura 14: A GRAMMATICA ÁS ESCURAS	58
Figura 15: CAMPANHA TELEGRAPHICA	64
Figura 16: ABAIXO A NOVA PIRATARIA	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 HOMEM DE LETRAS E DE COR: A TRAJETÓRIA DE HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS	17
1.1 De Codó ao Corcovado	17
1.2 No entardecer do Império, Hemetério se fez professor	20
1.3 No alvorecer da República, o professor se fez ilustre	28
2 BATALHAS NA ARENA DA IMPRENSA CARIOCA	34
2.1 O Coliseu dos letrados: jornais diários e semanários ilustrados	34
2.2 Gramática, ensino público e outros debates	41
2.3 “O vigoroso defensor das virtudes etíopes”	43
3 HEMETÉRIO E O RACISMO EM SUAS REPRESENTAÇÕES HUMORÍSTICAS	49
3.1 A cor como piada	49
3.2 Um professor de fraque e cartola	51
3.3 Neto de Obá, do príncipe africano	54
3.4 Dois letrados de cor	56
3.5 Os pretos excluídos do “Bahia”	62
3.6 A expulsão de um aluno por ser “de côr”	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Figura 1: Retrato de Hemetério dos Santos



Fonte: Biblioteca Nacional¹

Homem preto, retinto, maranhense e codoense, professor, gramático, filólogo, major, poeta e escritor, tradutor de cartas, polemista e discuidor. Diversos são os adjetivos e substantivos que podem ser atribuídos a Hemetério José dos Santos, este homem representado na fotografia acima de forma elegante com seu fraque, calça, colete, camisa branca com abotoadura nas mangas, gravata borboleta e óculos.

Por mais que não se identifique a data, o fotógrafo ou estúdio de autoria, é possível inferir que o simples fato da existência desse retrato denota seu considerável poder aquisitivo e principalmente a sagacidade na construção de sua própria imagem, uma vez que a presença de papéis sob a mesa, seu vestuário elegante e principalmente a posição de seus dedos na têmpora contribui para uma representação enquanto um homem pensante, inteligente, formal, moderno, e acima de tudo, um intelectual preto.

A primeira vez que vislumbrei a figura do professor Hemetério José dos Santos foi no ano de 2020, através da matéria intitulada “A história do professor negro e antirracista que ensinou durante a escravidão”², no site Portal *Geledés*. Em seguida, no decorrer da disciplina Seminário de Trabalho Final de Curso em 2023, ministrada pelo professor Antonio Alexandre

¹ Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1402037/icon1402037.jpg. Acesso em: 22 de dezembro de 2023

² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-historia-do-professor-negro-e-antirracista-que-ensinou-durante-a-escravidao/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023⁷⁶

Isídio Cardoso, um dos campos temáticos de meu interesse foi o contexto negro no período do Pós Abolição e o referido professor sugeriu que poderia ser feito um trabalho acerca da vida desse ilustre codoense praticamente desconhecido em sua terra natal.

A escolha pelas representações humorísticas como recorte temático da pesquisa surgiu na primeira visualização de duas charges contidas na dissertação “Etymologias preto: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920)”, de Luara dos Santos Silva. Esta autora é uma das referências no resgate da trajetória do professor, juntamente com Aderaldo Pereira Santos em sua tese de doutorado “Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos (1870-1930)”. Conseqüentemente, essas foram as duas principais bases para a edificação deste trabalho.

Após uma breve observação dessas imagens, que serão analisadas no capítulo 3, surgiram algumas indagações: Por que numa imagem Hemetério foi representado com feições humanas e num tom respeitoso, já na outra com uma estética exagerada, que se aproxima do *blackface*? O que justifica essa ambigüidade de interpretações? Existiam outras imagens e textos humorísticos nos periódicos do período? Quais discursos e narrativas em torno da figura desse intelectual podem ser decifrados a partir dessas representações? Quais aspectos do racismo brasileiro estão contidos dentro desse material humorístico?

Diante dessas inquietações, surgiu a presente monografia intitulada “Entre risos e racismos: as representações humorísticas de Hemetério José dos Santos na imprensa do pós-abolição carioca (1900-1920)”, que tem como objetivo a análise do humor visual e textual em torno do professor contido nos periódicos ilustrados do início do século XX. Esta pesquisa se desenvolveu através da catalogação de textos humorísticos, caricaturas e charges contidas em revistas ilustradas cariocas como *Tagarela*, *O Malho*, *Careta*, *Fon fon*, *Revista da Semana*, entre outras.

A ideia inicial era focar apenas na análise de charges e caricaturas contidas na imprensa carioca, todavia, com o avanço da catalogação de ocorrências nas fontes primárias, observou-se um quantitativo expressivo de textos humorísticos de diferentes tamanhos, com aspectos diversos e aparentemente ainda mais racistas. Assim, o recorte temático foi ampliado para englobar as linguagens visuais e textuais das representações humorísticas referentes a Hemetério.

As fontes primárias foram consultadas a partir do acervo da Hemeroteca Digital, sessão de jornais raros da Biblioteca Nacional, com cada ocorrência sendo devidamente registrada num quadro analítico dividido em: nome do jornal, data, número da edição, página, transcrição

no caso do texto e recorte de imagem. O recorte temporal escolhido foi de 1900 a 1920, período em que a atuação pública de Hemetério foi mais intensa e se identificou uma maior quantidade de material humorístico sobre ele.

O material coletado foi analisado a partir dos conceitos de Representação, de Stuart Hall (2016), e o Racismo Recreativo, de Adilson Moreira (2019), buscando compreender de que forma esses símbolos humorísticos retratavam a figura de Hemetério e identificar como a sociedade reagiu a sua subversão enquanto um preto letrado, bem-vestido, respeitado e discutidor.

Em complemento foi realizado um diálogo com obras sobre a imprensa do início do século XX, com Sodré (1966); sobre as revistas ilustradas e as charges/caricaturas através de Antas (2023) e Silva (2017); sobre o racismo brasileiro e as teorias raciais com Nascimento (2016), Munanga (2019), Schwarcz (1993); entre outras temáticas e referências.

Dessa forma, este trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo foi intitulado “Homem de letras e de cor: a trajetória de Hemetério José dos Santos” e inicialmente aborda o contexto de Codó no final do século XIX, a identidade de seus pais e sua trajetória de estudos na cidade natal e em São Luís, capital da província do Maranhão. Em seguida o texto se desloca para o Rio de Janeiro, seguindo os passos de Hemetério para se constituir como professor através do estabelecimento de conexões com figuras importantes do Império, sua inserção nas instituições de ensino, publicação de livros, etc.

Por último, o capítulo adentra a República para narrar o restante de sua trajetória no cenário educacional e literário, se consolidando como um intelectual preto com respeitabilidade pública que conseguiu construir uma complexa rede de proteção, possibilitando que sua voz ecoasse nas páginas dos periódicos cariocas.

O segundo capítulo intitulado “As batalhas na arena da imprensa” se inicia apresentando o espaço dos jornais diários e as revistas ilustradas no início do século XX, com suas disputas de discursos e narrativas em torno de conceitos de raça, nação e modernidade. Em seguida, se observa a inserção de Hemetério nessa arena para debater horizontalmente com outros intelectuais brancos, abordando questões gramaticais, filológicas, educacionais e de outras áreas do saber. Ao final, o professor preto se ergue como um gladiador em defesa do povo negro, questionando os pressupostos do racismo científico e positivando a imagem simbólica do negro na sociedade.

Já o terceiro capítulo recebeu o título de “Hemetério e o racismo suas representações humorísticas”. Nele se observa como o humor foi utilizado pela imprensa ilustrada para retratar a figura do intelectual preto, através de textos e imagens (caricatura e charge) em que se utiliza

de discursos profundamente racializados e racistas, ao mesmo tempo que em alguns casos ainda se conservava certo grau de respeitabilidade.

A partir da análise de trocadilhos raciais e histórias hipotéticas, comparações com seu amigo Monteiro Lopes, associação com a África, o uso da estética *blackface* e outros artifícios humorísticos, é possível compreender a dinâmica dos posicionamentos que imprensa branca tomava diante de um letrado preto de fraque e cartola, de caráter debatedor e polemista, que sempre se impunha no debate público em torno dos significados de ser negro.

CAPÍTULO 1

HOMEM DE LETRAS E DE COR: A TRAJETÓRIA DE HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS

1.1 De Codó ao Corcovado³

Hemetério José dos Santos nasceu na Vila de Codó, no ano de 1858. Era uma expressiva povoação localizada às margens do rio Itapecuru, na região leste da província do Maranhão, que se encontra a 290 km de São Luís. Antes da Vila surgir, diversas populações indígenas das nações Barbados, Urubus e Guanarés já povoavam o Vale do Itapecuru, desenvolvendo suas atividades diárias à sombra das palmeiras de babaçu.

A chegada de missionários jesuítas e fazendeiros portugueses provocou a expulsão desses povos para outras regiões da província, firmando na localidade um entreposto comercial para auxiliar na ocupação colonial⁴. Devido à boa fertilidade do solo, desenvolveu-se grandes plantações de gêneros agrícolas, principalmente algodão e arroz, dessa forma contribuindo para o rápido povoamento de colonos no território em torno do rio.

Na época de Hemetério, a Vila de Codó era o segundo ponto comercial mais importante do interior da província, depois da cidade de Caxias. Sua relevância era decorrente do cultivo em larga escala do algodão que tingiu de branco as férteis terras codoenses, sendo o mais valioso dos produtos agrícolas do Maranhão (Marques, 1870). Espalhadas pela Vila e suas regiões circunvizinhas, as diversas fazendas de algodão realizavam a importação massiva de escravizados africanos para sustentar a crescente economia.

Segundo Machado (1999):

O forte da imigração africana deu-se, em Codó, no período de 1780 a 1790. Chegaram para trabalhar, principalmente na agricultura. A pecuária surgia. Nasceram fazendas prósperas nas imediações de Codó: os Colares Moreiras, os Brandão, os Salazar e outros donos de escravos, o fluxo português, aumentou a vinda de africanos (Machado, 1999, p. 55).

Assim, Codó se converteu num dos maiores centros de população negra⁵ do Maranhão, englobando escravizados, livres, libertos e fugitivos amocambados nas matas. Tendo em vista

³ SANTOS, Hemetério José dos. Fructos Cadivos, 1919, p. 262.

⁴ Mais informações sobre a história de Codó, ver: MACHADO, João Batista. Codó, histórias do fundo do baú. São Luís: FACT/UEMA, 1999.

⁵ A influência negra em Codó ao longo dos anos foi perceptível não apenas na composição étnica da população, mas principalmente nos campos da cultura e da religião. Germinada no interior das matas e construída na cidade, os codoenses criaram sua própria religião afro-indígena, chamada de Terecô, Tambor-da-mata, Mata ou Brinquedo de Barba Soeira. Para saber mais sobre essa importante religião, veja: FERRETTI, Mundicarmo. Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

esse contexto escravista e o fato de Hemetério ter sido um homem preto retinto, é necessário realizar uma breve discussão sobre a identidade de seus pais.

Existem duas teorias referentes ao parentesco de Hemetério. A primeira foi construída pelo artigo “Hemetério José dos Santos: educador, homem das letras e sua obra”, escrito por Tadeu Luis Maciel Rodrigues (2000), sendo reforçada por Santos (2019) em sua tese “Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos”.

Nesse artigo, a partir de uma certidão de batismo de 1858 contendo o nome “Hemetério”, identificou-se Frederico dos Santos Marques e a escravizada Maria como pais do menino batizado. Todavia, incongruências como a ausência do sobrenome da criança e a incerteza se o pai residia fixamente em Codó (já que o batismo foi em Coroatá) fragilizaram essa possibilidade.

Optou-se neste trabalho por considerar a segunda teoria de Hemetério sendo filho de Theophilo José dos Santos Junior e Domingas Maria Prata Santos, informações coletadas por Luara dos Santos Silva (2015) em sua tese de doutorado, intitulada “Histórias de professoras negras no Rio de Janeiro: experiências e tensões de classe, raça e gênero (1870-1920)”. Além disso, a presente pesquisa identificou em jornais maranhenses disponibilizados na Hemeroteca Digital confirmações do parentesco com Theophilo, infelizmente não sendo encontrada qualquer menção a Domingas.

Nosso ilustre codoense teria nascido no dia 03 de março de 1858⁶, filho de “Theophilo José dos Santos Junior e Domingas Maria Prata dos Santos” (Silva, 2022, p.159). Theophilo⁷ era um grande comerciante que firmou, em 1869, uma parceria com seu irmão José Joaquim dos Santos, resultando numa loja de secos e molhados chamada Theophilo Júnior & Irmão⁸. Além disso, se tornou tenente-coronel comandante do 33º batalhão da guarda nacional da vila de Codó⁹, professor de primeiras letras e vereador da Câmara Municipal por diversas vezes¹⁰

Com relação à mãe, poucas informações foram identificadas pelos estudiosos da vida de Hemetério. Na primeira página do jornal *A Noite*, edição de 9 de julho de 1925, o então professor narra parte de sua biografia de vida e fornece informações interessantes referentes à história de Domingas Prata.

⁶ Santos, 2019

⁷ As primeiras informações sobre Theophilo e sua história foram identificadas por Santos (2019).

⁸ Diário do Maranhão (MA), 2 de julho de 1875, nº 572, p. 3

⁹ O Tempo (RJ), 3 de abril de 1893, nº672, p. 1

¹⁰ Diário do Maranhão (MA), 30 de março de 1894, nº 6169, pg. 2

Mesmo não citando seu nome, afirma que ela “era preta retinta, mas preta de família constituída, família de lavradores, gente que havia a várias gerações não conhecia cativo”¹¹. Ele encerra essa fala com “Escreva isso, faço questão”¹², demonstrando o orgulho que tinha por sua família materna não ter experienciado recentemente as agruras desse desumano sistema.

Apesar de não ter sido uma realidade direta, provavelmente Hemetério teve contato indireto nesses anos iniciais com a escravidão, uma vez que a população da Vila era majoritariamente cativa. Em 1863, quando ele possuía 5 anos de idade, Codó contava com uma população de mais ou menos 9800 habitantes, sendo 4200 livres e 5600 escravizados (Marques, 1870). Além disso, é possível que tenha sido atravessado por notícias das frequentes fugas de escravizados e formação de quilombos nas matas¹³, mecanismos de resistência que balançaram as estruturas do sistema escravista codoense.

Fugindo da triste realidade que acometia outros meninos pretos, Hemetério teve desde o começo da infância um contato com o universo da educação¹⁴, uma vez que aos 11 anos já havia concluído a instrução primária¹⁵ em Codó, provavelmente incentivado e financiado pelo seu pai Theophilo. A vila já contava com professores de primeiras letras desde antes de 1845, sendo o padre Antônio José da Costa um dos pioneiros na instrução primária codoense (Soares, 2018).

Mudou-se para São Luís em 1871¹⁶, ingressando no recém-criado Colégio Imaculada Conceição, localizado na rua São Pantaleão. Fundada em 1870, essa instituição era dirigida por padres e ofertava a instrução primária, com disciplinas de Gramática e Língua Portuguesa, Elementos da Geografia, Doutrina Cristã e outras; e a instrução secundária com disciplinas de Latim, Francês, Inglês, História do Brasil e outras (Santos, 2019).

Hemetério teve contato com algumas figuras que se destacaram no cenário maranhense e nacional. Teve como colegas de turma¹⁷ Benedito Leite e Urbanos Santos, indivíduos que

¹¹ A Noite (RJ), 9 de julho de 1925, nº 4895, p. 1

¹² Idem

¹³ Na tese “A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs. XVII-XIX)”, Flávio Gomes (1997) afirma que Codó era umas das regiões que mais preocupava as autoridades provinciais, devido a grande quantidade de ataques de negros aquilombados nas matas.

¹⁴ Dentro do contexto oitocentista, Hemetério se inseriu no grupo de indivíduos negros que por diferentes vias e mecanismos conseguiram acessar a educação formal, futuramente se estabelecendo como personalidades negras de destaque. Pode-se citar como exemplos a professora, poetisa e escritora abolicionista Maria Firmina dos Reis (1825-1917), considerada a primeira romancista negra do Brasil; o jornalista, cronista e tradutor Astolfo Marques (1876-1918); o professor, romancista, cronista e jornalista Nascimento de Moraes (1882-1958); entre outros exemplos de ilustres maranhenses negros(as) do século XIX.

¹⁵ A Noite (RJ), 9 de julho de 1925, nº 4895, p. 1

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

futuramente se tornaram políticos importantes, chegando até a conquistar o cargo de governadores do estado do Maranhão.

Além disso, foi aluno de Francisco Sotero dos Reis, filólogo e gramático maranhense de grande relevância no estudo da Língua Portuguesa; Cezar Augusto Marques, médico e professor de História que publicou em 1870 o Dicionário Histórico - Geográfico do Maranhão; e Luiz Raimundo da Silva Brito, vigário e professor de teologia (Santos, 2019). Esses dois últimos indivíduos foram de vital importância para a carreira docente de Hemetério no futuro.

Em 1874, diante do enfraquecimento dos negócios de seu pai, mudou-se para Belém (PA) e começou a trabalhar na Casa Alves Merca & Cia, traduzindo cartas em francês que chegavam do exterior. Residiu por um tempo na casa de seu patrão e em seguida ficou sob os cuidados de Domingos Silva, um antigo funcionário de seu pai que havia enriquecido¹⁸.

No ano seguinte, vendo o potencial que Hemetério tinha para crescer na vida, Domingos o incentivou a mudar-se para o Rio de Janeiro, pagando sua passagem e dando uma quantidade de dinheiro para se sustentar por um tempo. Em posse desses recursos, Hemetério embarcou junto com seu sonho de ser um professor num navio a vapor e zarpou da cidade das mangueiras em direção à capital do Império¹⁹.

1.2 No entardecer do Império, Hemetério se fez professor

O jovem Hemetério desembarcou no movimentado porto Pharoux²⁰ no dia 23 de janeiro de 1875²¹, com apenas 16 anos de idade. A capital imperial começava a respirar os ares da modernidade europeia que se aproximava, todavia era atravessada pelo fedor das crescentes desigualdades sociais que se derramava no centro e nas margens da urbe.

O Rio de Janeiro era uma cidade que passava por um aumento populacional significativo no final do século XIX, devido sua posição como centro econômico e político do país. Segundo o Censo de 1872, a população da cidade era de 274.972, sendo 226.033 livres e 48.939 escravizados (Badaró, 2008). O adensamento populacional provocou o inchaço das zonas centrais da cidade e o crescimento das áreas periféricas, em sua maioria compostas por negros livres, libertos e escravizados, imigrantes europeus pobres, ciganos, judeus, migrantes de outras províncias e etc.

Enquanto a cidade já passava por transformações urbanas visando seu melhoramento e embelezamento, os habitantes pobres sofriam com a péssima alimentação, falta de saneamento

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ O Globo (RJ), 24 de janeiro de 1875, n° 24, p.1

básico e baixos salários, tendo a miséria como “elemento identificatório principal, que conferia homogeneidade à experiência dos proletários” (Badaró, 2008, p. 73).

Nesse período, a escravidão começava a ter suas engrenagens desmanteladas através dos questionamentos da sociedade brasileira com relação a legitimidade e continuidade desse vil sistema. Seu fim já era preconizado com o avanço das campanhas do movimento abolicionista, o crescimento das fugas de escravizados (urbanas e rurais), o começo da aprovação de leis abolicionistas, inicialmente com a Lei Eusébio de Queirós (1950) e a Lei do Ventre Livre (1971), além do relativo aumento de cartas de alforrias (Badaró, 2008)

A década de 1870 ainda foi marcada pelo desembarque em terras brasileiras das teorias raciais europeias, que afirmavam a existência de uma hierarquia racial com os europeus no topo de uma escala evolutiva e os outros povos não-brancos abaixo (Schwarcz, 1993). Assim, diante da possível extinção da relação estrutural de senhor-escravo e do temor pela “africanização” do país (Gomes, 2005), já começava a ser desenhado os caminhos que o Brasil poderia percorrer para reformular e perpetuar sua estratificação social, resolver o chamado “problema do negro” e consequente se construir como uma nação moderna.

Foi neste cenário de transformações político-sociais e mudanças de paradigmas que nosso futuro professor desembarcou. Felizmente, a área de atuação que ele almejava alcançar se encontrava com crescimento a todo o vapor, já que segundo Alessandra Schueler (2002), a malha escolar da Corte estava em plena expansão, com a atuação direta da administração pública em fiscalizar e regulamentar as instituições de ensino públicas e privadas.

Ousado, empreendeu o que Santos (2019) chamou de “jogadas de mestre”, que seriam “estratégias e ações que o professor Hemetério botou em movimento para ir conquistando o seu espaço no campo educacional da Corte” (Santos, 2019, p. 94). Desde o primeiro momento em que pisou em solo carioca, buscou construir sua rede de sociabilidades com seus conterrâneos maranhenses e estabeleceu novas relações com indivíduos importantes da capital.

O primeiro maranhense influente que contatou foi o engenheiro Nuno Alves Pereira e Sousa, seu conterrâneo de Codó que havia conquistado o posto de diretor da Secretaria de Agricultura²². Através dele ocorreu uma das anedotas mais famosas no início da história de Hemetério, que consistiu em seu direcionamento para um alfaiate visando encomendar trajés de condutor de bonde, que seria de acordo com o senso comum um dos trabalhos destinado para jovens negros livres.

²² A Noite (RJ), 9 de julho de 1925, n° 4895, p. 1

Ao se recusar a assumir um emprego de condutor, Hemetério optou por seguir o ofício do magistério por conta própria. Alugou um quarto para morar junto com seu novo amigo António Silva Jardim, futuro advogado e jornalista de renome. Ambos começaram a dar aulas particulares de Português, Francês e Matemática, além de serem contratados para a transcrição de cartas²³.

Em paralelo às explicações particulares, participou de 1875 a 1878 de diversos exames preparatórios de Instrução Pública, como Geografia, Francês e Aritmética, para se qualificar como professor apto a assumir cargos em colégios conceituados (Santos, 2019). Se constituir como um professor era uma oportunidade de conseguir estabilidade financeira, participar de projetos de educação e cidadania, além da aquisição de certo capital simbólico, já que o professor era visto como um intelectual da cidade (Schueler, 2002).

Com 17 anos, lançou em 1877 sua primeira obra intitulada *Grammatica elementar da Lingua Portuguesa*, publicada pelo famoso editor Serafim José Alves. Foi baseada no programa de ensino do Colégio Pedro II e divulgada nos principais jornais da época²⁴, sinalizando o princípio de sua produção literária e suas tentativas de aproximação visando adentrar nesta instituição.

Hemetério começou, no início de 1878, sua movimentação para ser contratado como explicador (professor particular de reforço) em instituições de ensino. Primeiro participou do quadro de professores do Externato Jasper²⁵ e em seguida buscou junto com João Severiano da Fonseca Hermes, sobrinho de Deodoro da Fonseca, uma oportunidade de ingressar como explicador dentro do Colégio Pedro II, o que lhes foi negado (Santos, 2019).

Por um tempo suas atividades docentes se restringiram ao Jasper e o ensino particular em sua própria residência, divulgadas diariamente através da imprensa. Um dos principais jornais que divulgaram suas aulas, segundo Luara dos Santos Silva (2015), foi o jornal *Cidade do Rio*, de propriedade de José do Patrocínio. Este importante jornalista e escritor negro que foi um dos maiores líderes do movimento abolicionista possuiu uma forte relação com Hemetério, evidenciada pela frequente divulgação dos serviços docentes e obras literárias do professor em seus jornais *Cidade do Rio* e *Gazeta da Tarde*.

No mesmo ano de 1878 conseguiu um emprego de explicador particular de francês no internato do Colégio Pedro II, por intermédio do então diretor César Augusto Marques, que já havia sido seu professor no Colégio Imaculada Conceição, em São Luís, (Santos, 2019). É a

²³ Idem

²⁴ A Reforma (RJ), 07 de outubro de 1877, nº 227, p. 3

²⁵ Gazeta de Notícias (RJ), 12 de abril de 1878, nº 100, p. 2.

partir dessa contratação que o jovem professor começou a receber um salário considerável e passou “a usar frack, cartola e óculos de ouro e a fumar charuto”²⁶, representando esteticamente sua busca por capital material e simbólico, como é possível observar na imagem a seguir.

Figura 2: Fotografia de Hemetério dos Santos



Fonte: Biblioteca Nacional²⁷

Por mais que provavelmente nesta fotografia Hemetério já estivesse com a idade avançada, percebe-se como seu vestuário seguia os padrões franco-ingleses estabelecidos no final do século XIX e que perdurou no início do XX: chapéu coco/cartola, o conjunto de fraque/sobrecasaca, calça e colete em tons escuros, camisa clara de abotoadura e colarinho quebrado (gola alta), gravata slim/borboleta, sapatos pretos lustrosos, guarda-chuva/bengala e charuto.

Em um mundo onde o branco se consolidava como referência da sociedade ocidental, a “história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais” (Sousa, 1983, p. 23). A incorporação desse vestuário

²⁶ A Noite (RJ), 9 de julho de 1925, n° 4895, p. 1

²⁷ Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1402036/icon1402036.jpg. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

demonstrava a inserção de Hemetério na chamada “modernidade negra”, que pode ser definida como “um processo de inclusão cultural e simbólica dos negros à sociedade ocidental” (Guimarães, 2021, p. 69).

Cabe destacar que para além de uma simples adesão acrítica aos códigos brancos de comportamento, o “bem vestir” de um negro moderno era uma legitimação visual da posição social que havia alcançado, fato que seria constantemente questionado por indivíduos brancos. Ainda consistia numa subversão do imaginário social do lugar que o negro “deveria” ocupar, pois “colide com o estereótipo racista” (Adverse, 2015, p. 11), ao deslocar “do lugar imagético do homem miserável para o sujeito moderno, urbano e civilizado” (Idem).

Deste modo, ao esperar um negro que transitasse com trajes simples, ligados a posições de subserviência (como condutor de bonde), a sociedade carioca recebeu nas ruas e salões escolares um homem de pele escura trajando cartola, sobrecasaca e sapatos lustrosos, reluzindo o capital simbólico que estava construindo para si e seu povo²⁸.

Com o ingresso em uma renomada instituição de ensino e já trajando vestes correspondentes a essa nova fase da vida, a visibilidade de Hemetério como professor foi impulsionada com um importante acontecimento. Não se sabe ao certo a data, mas foi no Colégio Pedro II que o próprio Imperador Dom Pedro II escutou uma de suas aulas de francês sobre uma nova gramática e o elogiou abertamente. A partir desse episódio que sua “reputação de professor tomou vento nas velas”²⁹, começando a ser comentado em todos os lugares do Rio de Janeiro e a “meter a cara”³⁰, ou seja, participar de discussões e debates públicos com outros intelectuais.

Assim, o professor preto elogiado pelo imperador continuou sua caminhada para firmar seu lugar na capital imperial. Em 1881 foi publicado *o Livro dos Meninos*, uma obra de 95 páginas que consistia num material didático destinado a meninos e meninas na instrução primária. Em seus contos abordava temas como a “exaltação a determinadas pessoas, destaque a alguns episódios históricos, temáticas morais, científicas e religiosas, assim como temas voltados para a questão da mulher, do trabalho, da escravidão e da questão racial” (Santos, 2019, p. 121).

²⁸ Hemetério ainda pode ser definido como um dândi negro. Segundo Adverse (2023), essa era uma categoria de identidade afrodiáspórica caracterizada por uma rígida elegância estética, fazendo parte de um movimento cultural em que homens negros se apropriaram de códigos de vestimentas europeias e os subverteram, reconstruindo para si uma nova identidade masculina dentro desse contexto social racializado.

²⁹ A Noite (RJ), 9 de julho de 1925, nº 4895, p. 1

³⁰ Idem

É a partir dessa obra que Hemetério exterioriza publicamente sua defesa da população negra, fato que será marcante ao longo de toda sua vida. A abordagem da temática racial começa desde o prólogo do livro, ao citar que os livros destinados aos estudantes não se preocupavam em combater os preconceitos em um país “onde era palpável a heterogeneidade das raças”³¹, sendo este um dos propósitos da publicação desta obra.

Sete anos antes da Lei Áurea, Hemetério criticava o perverso sistema da escravidão, definida por ele como um “cancro” (doença cancerígena); exaltava a Lei do Ventre-Livre (chamada por ele de Lei de 28 de Setembro); a necessidade do trabalho livre para engrandecer o ser humano, e homenageava a ilustre figura do abolicionista José do Patrocínio (Santos, 2019).

Em novembro de 1881, o professor doou cerca de 50 exemplares do novo livro à Escola Noturna Gratuita da Cancela, para serem usados pelos alunos como material didático³². A escola fora fundada por José do Patrocínio e João Clapp (Souza; Santos, 2012), tendo como característica marcante ter sido “tão cheia de pessoas de cor, a maioria escravos fugidos, que a vizinhança passou a denominá-la o ‘Quilombo da Cancela’” (Magalhães, Jr., 1969, p. 91-92 *apud* Souza; Santos, 2012, p. 11)³³.

Segundo Santos (2019), Hemetério fez parte do movimento abolicionista através de diversas conferências emancipacionistas, chegando até a discursar em algumas delas e ser reconhecido anos depois pela participação. Por mais que não tenha atuado na linha de frente do movimento junto a lideranças como Luíz Gama, os irmãos Rebouças, José do Patrocínio, Evaristo de Moraes e outros, provavelmente foi através dele que o jovem professor ampliou a construção de sua rede de sociabilidades negras e impulsionou sua militância antirracista, que ganhou maior intensidade no Pós-Abolição.

A caminhada para a consolidação de sua posição de professor respeitável continua em 1882, quando inaugurou o Colégio Froebel, sua própria escola que ofertava serviços de jardim de infância, instrução primária e secundária³⁴. Preferindo alunos completamente analfabetos e das classes populares, o colégio era composto por duas professoras responsáveis pelo ensino feminino e um professor que junto com Hemetério ficava a cargo do ensino dos meninos. Sua divulgação foi feita por alguns jornais aliados do professor, como o *Jornal do Comércio* e o *Diário do Brasil* (Santos, 2019).

³¹ SANTOS, Hemetério José dos. Livro dos meninos, 1881, p. 6.

³² Gazeta da Tarde (RJ), 17 de novembro de 1881, p.2.

³³ Estas informações foram identificadas a partir da dissertação de Luara dos Santos Silva (2015).

³⁴ Diário do Brasil (RJ), 02 de outubro de 1883, p. 3.

Entre os diversos aspectos que caracterizaram as atividades do Colégio Froebel ao longo de seus anos, convém destacar que em sua terceira festa de fundação (1885) foi desenvolvida a leitura de textos e poemas de alguns autores importantes. Podem ser citados como homenageados o poeta maranhense Gonçalves Dias, e o texto “*Palmares*” do historiador português Oliveira Martins, que abordava a história do Quilombo dos Palmares (Santos, 2019). É interessante perceber como o professor Hemetério em 1885 já estava empenhado na construção de uma educação antirracista pautada no ensino da história afro-brasileira, sendo que essa prática educacional só foi instituída oficialmente após 118 anos, com a Lei 10.639/2003, por pressão do Movimento Negro e a ascensão de um governo de esquerda.

O ano de 1885 foi particularmente especial para a vida pessoal do professor, que já se encontrava com 27 anos de idade. No dia 25 de dezembro, a Capela Imperial sediou o casamento de Hemetério José dos Santos com a também professora Rufina Vaz de Carvalho (Silva, 2015), representada na fotografia a seguir publicada em fevereiro de 1956 no *Jornal do Brasil*.³⁵

Figura 3: Professora Rufina Vaz de Carvalho Santos



Fonte: Jornal do Brasil (RJ), 26 de fevereiro de 1956, nº 46, p. 1

Definida por Hemetério como uma “mulher mulata”, Rufina era advinda de uma família negra letrada que teve como figura mais proeminente Francisco de Paula Brito, seu avô. Editor, tipógrafo, poeta e político, Paula Brito foi proprietário da Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, se constituindo como talvez o mais importante editor do Império (Santos, 2019).

Tendo estudado na Escola Normal Livre, Rufina tornou-se uma conceituada professora em algumas escolas primárias da capital federal, chegando a desempenhar a função de docente

³⁵ Originalmente identificada por Santos (2019), essa fotografia foi publicada junto a uma biografia da professora Rufina escrita por Marisa Lira, uma de suas alunas. Tal texto foi densamente analisado por Santos (2019) em sua tese.

e diretora da Escola Barão de Ubá, uma instituição feminina localizada em sua própria residência (Santos, 2019). Segundo Silva (2015), a professora Rufina ainda teria auxiliado seu marido Hemetério em sua produção intelectual³⁶, através de uma colaboração em conjunto com a professora negra Elvira Pilar Silva Guimarães³⁷ na construção da *Gramática Portuguesa* em 1913.

O casal teve sete filhos: Octavio (1887 ou 1889), Coema (1888), Aristides (1890), Gulnare (1891), Clóvis (1893), Jeruza (1898-1900) e Luiz (1901)³⁸. A partir do primeiro filho (talvez Octavio ou Coema), Hemetério transformou seu nome completo em um sobrenome para todos os seus descendentes, assim:

Essa ação é bastante simbólica, indicando o abandono (ou a tentativa) de uma identidade imposta a partir de relações senhoriais e escravistas, reconstruindo no mundo o seu lugar e os lugares dos que viriam. Seus filhos, netos e gerações seguintes não seriam mais “dos Santos”, mas, sim, Hemetério dos Santos, carregando para sempre sua memória (Silva, 2022, p. 163)

O sobrenome também serviu para associar ao restante da família a respeitabilidade pública que o professor havia construído, além de talvez tentar protegê-los das agressões cotidianas que uma família negra estaria sujeita numa sociedade racista. Ainda pode ter sido a demarcação do lugar de patriarca na família em substituição dos homens anteriores, como seu pai Theophilo José dos Santos Junior, e os respectivos pai e avó de Rufina, Eduardo Vaz Carvalho e Francisco de Paula Brito (Silva, 2022).

O magistério e o serviço público foram as principais áreas de atuação da família Hemetério dos Santos, investindo assim na formação intelectual, na ocupação de profissões bem remuneradas e na inserção em espaços socialmente valorizados (Silva, 2015). Para além da conquista de um capital material, essa família de letrados negros conseguiu construir um lugar de respeitabilidade e acumular certo capital simbólico, assim como outras famílias negras que fugiram da triste realidade que acometia a maior parcela da população afrodescendente.

Nos últimos dois anos em que o Império ainda estava de pé, o professor Hemetério ainda fez dois movimentos em suas "jogadas de mestre". Nos dias 11, 20 e 23 de junho de 1888, foram realizadas no Colégio Pedro II suas primeiras conferências literárias e filológicas, novamente divulgadas nos jornais de José do Patrocínio e em outros periódicos (Santos, 2019).

³⁶ Segundo Santos (2019) ainda existe uma suspeita de difícil comprovação que ela possa ter auxiliado o marido durante o início da carreira como professor particular, antes mesmo do casamento, e contribuído com algumas de suas obras literárias, como o Livro dos Meninos (1881).

³⁷ A forte relação entre as famílias Hemetério dos Santos e Silva Guimarães, costurada a partir dos laços de amizade estabelecidos pelas professoras Rufina e Elvira, foi identificada e detalhadamente analisada por Silva (2022).

³⁸ Silva, 2022.

A realização dessas conferências era uma forma de consolidar sua posição como intelectual preto de referência no campo da língua vernacular, uma vez que analisava obras de outros autores, expunha suas próprias teorias e tinha figuras famosas como público ouvinte, fato que será evidente nas conferências seguintes.

Às vésperas do golpe militar de 15 de novembro de 1889, Hemetério conquistou uma nova posição social que seria de vital importância no novo regime político que já se anunciava. Em outubro de 1889, foi nomeado professor adjunto da disciplina de Desenho no Colégio Militar, após uma indicação do político Lauro Sodré que já conhecia suas qualidades acadêmicas. Sua contratação pode ter sido ainda influenciada pelo seu antigo amigo João Severiano Fonseca, que era militar e sobrinho do marechal Deodoro da Fonseca, responsável por liderar o Golpe da República (Santos, 2019).

Quando o sol se pôs no final do Império, Hemetério já havia conseguido conquistar prestígio como um professor negro e se tornar uma referência no estudo da língua portuguesa, da gramática e da educação. Essas conquistas iniciais permitiram que nosso pedagogo maranhense ousasse ainda mais na República que estava nascendo, buscando construir um mundo melhor para si, sua família e o povo negro.

1.3 No alvorecer da República, o professor se fez ilustre

Recém-saído de uma monarquia e findado o regime escravista, a jovem República brasileira tinha diante dos seus olhos o desafio de reorganizar sua estrutura social e construir uma nova e moderna nação. Entretanto, havia uma questão central que ameaçava a realização desse projeto: o fato do Brasil ser profundamente africano.

O Pós Abolição foi caracterizado pelas rupturas e permanências das dinâmicas sociais construídas pela escravidão, através de tensões e disputas em torno dos conceitos de cidadania, trabalho e liberdade (Albuquerque, 2009). Desse modo, as elites e o governo brasileiro buscaram construir mecanismos para “manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social” (Sousa, 1983, p. 20), num momento em que a raça se tornava o centro do debate sobre o futuro do país.

A busca pela edificação de uma nova identidade nacional se baseou nos ideais de civilização e modernidade oriundos das capitais europeias. Assim como diversas nações do período, a velha e colonial cidade do Rio de Janeiro queria adentrar o século XX como uma capital limpa e civilizada nos moldes de Paris, e para isso, passaria por cima de qualquer pessoa a fim de construir sua *Belle Époque* tropical.

As bases ideológicas que alicerçaram esse projeto de modernização foram as teorias do racismo científico ou darwinismo social, que sofreram remodelações e adaptações ao se enraizarem no Brasil. Assim, se difundiram diversas teses sobre a suposta superioridade europeia e inferioridade de povos não-brancos (Schwarcz, 1993). Em um país multirracial, marcado pela mestiçagem e pela forte presença africana, a possibilidade de alcançar o padrão civilizatório se firmaria no constante processo de europeização, tendo os traços africanos como principal obstáculo a ser reprimido e eliminado (Munanga, 2019).

Dessa forma, a população negra sofreu com a criminalização e repressão de suas manifestações culturais, a permanência das relações de trabalho nos moldes escravistas, a estigmatização e estereotipação de aspectos simbólicos negros (estética, cultura, intelectualidade) e etc.

Se o negro era visto enquanto um entrave ao projeto modernizador, a questão da mistura racial foi percebida como um problema e uma solução. Dentro dos paradigmas europeus e estadunidense, a miscigenação era interpretada como um processo que levaria à degeneração da raça (Schwarcz, 1993), já no contexto brasileiro acabou por ganhar uma conotação positiva em algumas alas intelectuais, que se apropriaram da narrativa do país mestiço.

Enquanto se discutia a construção da ideia do Brasil ser “um amálgama racial harmonioso na qual não existe preconceito ou discriminação” (Nascimento, 2016, p. 62), a mistura racial foi elevada como uma possibilidade de salvação do país ao se considerar que, devido a suposta superioridade branca, sua população se tornaria totalmente embranquecida ao longo do processo de miscigenação (Schwarcz, 1993). Com a criação de projetos estatais de embranquecimento físico (como o incentivo a imigração europeia) e simbólico (como a perseguição a manifestações afro-indígenas), o Brasil vislumbrava que “a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população” (Nascimento, 2016, p. 78).

Embora inseridos dentro dessa estrutura social excludente e racista, homens e mulheres negras empreenderam nesse período do Pós-abolição diversas estratégias em busca de sua integração na sociedade brasileira, além de combater as violências físicas e simbólicas que eram diariamente submetidos (Gomes, 2005). Através de ações individuais e mobilizações coletivas como clubes recreativos, imprensa alternativa, associações, sindicatos e manifestações culturais, a população negra letrada e iletrada buscou nas brechas dessa sociedade hierarquizada a edificação por conta própria de uma cidadania plena e duradoura.

Desse modo, o professor Hemetério José dos Santos adentrou o conturbado período republicano não apenas visando a continuidade de uma ascensão pessoal, mas principalmente

contribuir para a construção de projetos de emancipação e integração social da população negra. Assim, o professor preto de renomadas instituições de ensino continuou sua caminhada para consolidação enquanto um intelectual reconhecido e respeitado nos meios letrados.

Em março de 1892, foi nomeado professor efetivo da disciplina de Literatura Nacional do Colégio Militar, e em dezembro de 1899 conseguiu na Justiça Militar adquirir a patente de professor-major, ganhando um salário maior correspondente a tal título (Santos, 2019). Dessa forma, Hemetério se tornou o primeiro professor negro da renomada instituição militar, como é possível observar na seguinte fotografia datada de 1908.

Figura 4: Corpo docente do Colégio Militar em 1908



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Militar *in* Santos (2019)

Sentado na frente da fileira de militares brancos com quem agora ombreava, a fotografia demonstra que o professor-major Hemetério novamente ampliou a sua complexa rede de sociabilidades e elevou ainda mais seu prestígio, fato evidenciado na continuidade da realização de suas conferências filológicas. Em julho 1892, o ainda professor adjunto realizou uma conferência nas dependências da Escola Normal do Distrito Federal sobre a organização do ensino primário na capital. Entre seu público ouvinte, destacou-se a presença do vice-presidente Floriano Peixoto, o governador do estado do Rio José Porciúncula, o inspetor geral da Instrução Pública e entre outros³⁹.

Convém destacar que a utilização de espaços da Escola Normal já seria um indicativo de seu interesse em compor o corpo docente dessa instituição formadora de docentes. Sua primeira tentativa de entrar no colégio das normalistas foi em 1893, quando assumiu os cargos

³⁹ O Tempo (RJ), 24 de julho de 1892, N° 424, p. 2

de secretário e professor da disciplina de Literatura Nacional na Escola Normal Livre, uma instituição particular criada por um grupo de renomados professores (Santos, 2019).

Já em 1897, o prefeito interino do Distrito Federal, Dr. Joaquim da Rosa o nomeou como professor de Português no curso noturno da Escola Normal do Distrito Federal. Na instituição teve como colegas de trabalho os professores José Medeiros e Albuquerque, Manoel Bomfim, grande intelectual no combate às teorias raciais, além de desafetos como Alfredo Gomes e José Veríssimo (Santos, 2019).

Com o ingresso de Hemetério na Escola Normal do Distrito Federal consolidou seu lugar como professor de prestígio no cenário republicano. Após passar pelo Colégio Pedro II e diversas escolas particulares, Hemetério começou a ser reconhecido como “lente do Colégio Militar” e “catedrático da Escola Normal”, afamado em toda a sociedade carioca pelas suas capacidades acadêmicas, o domínio do vernáculo e sua constante exposição de opiniões fortes sobre gramática, educação e principalmente questões raciais.

Se no Império sua presença em espaços brancos de poder já era algo relativamente frequente, na República tornou-se um hábito. Seu nome era constantemente registrado nos periódicos de grande circulação ao noticiar os eventos sociais que contaram com sua participação. Conferências, reuniões escolares, bailes, competições literárias, comissões avaliativas, batizados, aniversários de grandes autoridades, posses de prefeitos e entre outros, Hemetério se fez presente na vida social do Rio de Janeiro republicano e foi comentado nos quatro cantos da cidade.

Na fotografia a seguir, veiculada na revista *O Malho*, é possível observar a presença de nosso educador maranhense na festa de inauguração de uma escola, aparentemente sendo o único negro nesse espaço branco.

Figura 5: Inauguração do Gymnasio Brasileiro



Fonte: O Malho (RJ), 8 de novembro de 1924, nº 1156, p. 46

Publicada em 8 de novembro de 1924, é possível ver na fotografia acima o professor Hemetério com seus 66 anos, cercado pelos futuros estudantes do Gymnasio Brasileiro que estava sendo inaugurado. Contando com a presença de “altas autoridades pedagógicas”⁴⁰, a inauguração do Gymnasio contou com o brinde de Hemetério que “agradeceu a presença do Dr. Deodato de Moraes e das demais autoridades oficiais”⁴¹. No início do século XX, manter conexões com políticos e autoridades era uma maneira de ampliar e perpetuar seu lugar social, ainda mais para um intelectual negro, cuja posição alcançada era constantemente invalidada diante do imaginário racista que se construiu.

Assim que consolidou sua posição de prestígio na República, Hemetério ousou ainda mais nos debates raciais. Conforme identificou Silva (2015), ele se utilizou do pseudônimo de Benedito Severo para realizar em dezembro de 1905 uma de suas mais importantes conferências literárias, intitulada Pretidão do Amor. Ocorreu no “Grêmio das Senhoras do Rio de Janeiro”⁴², tendo um público majoritariamente feminino.

Inspirada na obra *Pretidão do Amor* escrita por Luís de Camões, a conferência teve como tema central a importância do negro na história brasileira, com destaque para a “mulher mestiça, tão intimamente ligada a nossa organização nacional”⁴³. Em seguida, o conteúdo da conferência foi convertido num material físico, sendo um “livro de difusão de idéias anti-racistas”(Muller, 2006, p. 145).

Hemetério ainda publicou outras obras com temáticas diversas. O livro *Carta aos Maranhenses* (1906)⁴⁴ foi endereçado para Benedito Leite, seu antigo colega de turma na Imaculada Conceição e então senador do Maranhão. Tinha o intuito de questionar o novo indicado para comandar a Instrução Pública do Maranhão, além de discutir os problemas do sistema de ensino de sua terra natal, se constituindo como “um verdadeiro manifesto político pedagógico que pretende pensar o Maranhão e o Brasil” (Muller, 2006, p.151).

O livreto “*Ensino Municipal - Carta ao Dr. Curvelo de Mendonça*” (1909), direcionado ao seu amigo e professor Manuel Curvelo de Mendonça, tratava sobre o ensino municipal, a educação para pobres, o papel do professor, etc. (Santos, 2019). O livro *Fructos Cadivos* (1919) consiste numa “coletânea de poesias que abarca uma diversidade de temas” (Santos, 2019, p. 235), tendo edições simultâneas no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Com 73 anos, publicou um de seus últimos textos que consistiu no prefácio do livro *Da República a Ditadura*

⁴⁰ O Malho (RJ), 8 de novembro de 1924, nº 1156, p. 46

⁴¹ Idem.

⁴² O Paiz (RJ), 04 de janeiro de 1906, nº 7758, p. 1

⁴³ Idem.

⁴⁴ Esta obra foi detalhadamente analisada por Muller (2006).

(1931), de autoria de Dormund Martins, no qual aborda alguns acontecimentos políticos, econômicos e sociais da Primeira República, como a Revolução de 1930 (Santos, 2019).

Sua produção literária, vestuário, modo de falar, suas redes de sociabilidade com políticos influentes, intelectuais brancos e letrados negros, sua trajetória docente de prestígio e outros fatores deram a Hemetério uma considerável rede de proteção que o permitiu expor seus posicionamentos, opiniões e questionamentos com maior ênfase, sem se preocupar tanto com as consequências diretas a sua vida.

Mesmo que esse conjunto de artifícios não o blindassem totalmente de discordâncias e ataques que utilizavam de sua cor como alvo, fato é que o ilustre professor negro se sentiu seguro para falar publicamente, e a imprensa foi o principal espaço em que sua voz ecoou. Permeada pelo contexto das transformações da *Belle Époque* e da circulação das teorias raciais, foi nas páginas de diversos periódicos que ele pôs em prática seu fazer intelectual ao debater com outros letrados brancos, inclusive com alguns donos desses impressos. Foi nessa “arena de disputas” que Hemetério adentrou a fim de disputar narrativas hegemônicas e construir novos discursos em favor dos seus.

CAPÍTULO 2

BATALHAS NA ARENA DA IMPRENSA CARIOCA

2.1 O Coliseu dos letrados: jornais diários e semanários ilustrados

Acompanhando as transformações tecnológicas proporcionadas pelo avanço do capitalismo na virada do século XIX para o XX, a imprensa brasileira incorporou novos maquinários e técnicas de impressão que aumentaram a produção dos jornais, aceleraram a circulação das edições, mesclaram as linguagens e tornaram suas páginas mais atrativas para o público (Sodré, 1966).

Assim, o meio jornalístico que já era um veículo de divulgação da atividade de intelectuais urbanos, se converteu na principal vitrine para exposição de suas ideias e teorias (Dantas, 2010). Os periódicos cariocas “eram meios importantes de divulgação de iniciativas, funcionando concomitantemente como espaços de colocação e consagração e de divulgação da produção intelectual” (Dantas, 2010, p. 61).

Cabe destacar que o ambiente jornalístico não era uma mera vitrine de exposição, mas sim uma “arena de disputas”, um verdadeiro “palco de conflitos e embates; lugar de alianças e controvérsias, consensos e dissensos” (Silva, 2015, p. 28). Foi nela que os intelectuais urbanos discutiram as contradições da mudança de paradigmas de um Brasil que buscava a modernidade e a normatização da sociedade.

Esse “Coliseu dos letrados” acabou por ser ampliado com o aumento da utilização do texto impresso em conjunto com as artes gráficas, como fotografia, ilustrações, caricaturas e charges (Sodré, 1966). É nesse contexto que as revistas ilustradas, que já circulavam desde o final do século XIX, ganharam protagonismo entre a população (letrada e iletrada) e se tornaram o símbolo da modernidade brasileira.

De publicação semanal ou quinzenal, esses periódicos eram caracterizados por uma grande quantidade de páginas, intensa utilização de ilustrações e textos, algumas com temáticas específicas (arte, política, educação) e outras de variedades, além daquelas que assumiram o humor como principal linguagem (Silva, 2017).

Entre as revistas que circularam pela Capital Federal e por todo o país podem ser citadas *O Malho*⁴⁵, *Fon Fon*⁴⁶, *Careta*⁴⁷, *Revista da Semana*⁴⁸, *Tagarela*⁴⁹, *D. Quixote*⁵⁰, entre outras. Algumas informações sobre cada uma delas se encontram nas notas de rodapé desta página.

As revistas ilustradas investiram na utilização em larga escala da fotografia, que deram maior veracidade às notícias veiculadas e difundiram o fotojornalismo pelo país (Sodré, 1966); no uso das charges, que eram representações com traços exagerados dentro de um contexto específico, a partir de notícias e questões da sociedade; e as caricaturas, que também eram representações visuais exageradas, sem necessariamente ter um fato do cotidiano para sua construção (Antas, 2023).

A presença desses recursos visuais e textuais deram às revistas um maior poder de representação entre os órgãos da imprensa. O ato de representar pode ser definido como “utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas [...] Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (Hall, 2016, p. 134).

Desse modo, as representações (visuais ou textuais) contidas nesses impressos demonstravam as ideias e perspectivas que imperavam na sociedade, ao mesmo tempo expunham as percepções desses autores e artistas colaboradores, podendo ser consonantes ou dissonantes do paradigma hegemônico.

Relacionadas ao contexto coletivo ou a perspectiva individual, as representações são antes de tudo discursos sobre a realidade e como tal possuem intencionalidade, objetivos e principalmente denotam um poder simbólico (Hall, 2016). Fica perceptível que os letrados que tinham acesso a esses veículos de comunicação de massa tinham o poder de representar a sociedade a partir de suas interpretações e, intencionalmente ou não, impunham ao povo um

⁴⁵ Segundo Sodré (1966), a revista *O Malho* foi fundada em 1902 por Luís Bartolomeu, com o objetivo de produzir críticas e sátiras sociopolíticas, sendo uma das mais prestigiadas da época.

⁴⁶ A revista *Fon Fon* foi fundada em 1907 por Raul Pederneiras, Gonzaga Duque e outros. Sendo um símbolo da modernidade desde seu nome, que imitava o som da buzina de automóvel, a revista abordava diversos aspectos da alta sociedade carioca, permeada por fotografias e ilustrações (Antas, 2023).

⁴⁷ A revista *Careta* foi criada em junho de 1908, fundada por Jorge Schmidt. Foi a revista mais popular desse período, tendo as sátiras políticas como sua grande marca, além do seu rico capricho gráfico e capacidade de chamar a atenção do público (Sodré, 1966).

⁴⁸ A *Revista da Semana* é considerada a pioneira na utilização de fotografias, fundada em 1901 por Álvaro de Tefé, com o objetivo de introduzir conteúdos mais alegres, elegantes e diversos para atrair o público em geral, diferenciando-se do seu impresso de origem, o *Jornal do Brasil* (Sodré, 1966).

⁴⁹ A revista *Tagarela* foi fundada em 1902 por Raul Pederneiras e por Calixto Cordeiro (K. Lixto). Pensada como uma revista humorística e tendo recebido diversos artistas gráficos, não teve uma grande longevidade e foi encerrada já em 1904 (Antas, 2023).

⁵⁰ Fundada em 1917 por Bastos Tigres, a *D. Quixote* tinha o nome e seus símbolos gráficos oriundos dos personagens de Miguel de Cervantes. Em geral abordava temáticas políticas e sociais de todo o país (Antas, 2023).

projeto de sociedade que se desejava construir. Ou seja, as revistas ilustradas foram mais um dos mecanismos de normatização da sociedade pelo projeto de europeização e exclusão.

Foi através delas que os discursos sobre a construção de uma *Belle Époque* carioca chegaram ao conhecimento da massa populacional, via artigos, fotografias das reformas urbanas, novas regras de comportamentos e vestimentas, novos produtos para consumo, sátiras e desenhos humorísticos, entre outros. Foi nessa perspectiva que Barbosa (2000) afirmou que:

A outros discursos produzidos com o sentido claro de normatizar a sociedade - com o médico-higienista, o jurídico e o político – agrega-se o da imprensa, que passa a aliar ao texto impresso a veracidade da fotografia e a crítica das caricaturas ou ‘reprodução’ da realidade contida nas ilustrações. Promovendo campanhas, os periódicos unificam os vários discursos da sociedade, em busca do ideal de progresso e civilização (Barbosa, 2000, p.12).

Dessa forma, a imprensa ilustrada conseguiu unificar os discursos modernizadores e traduzir sua difícil linguagem para o público popular, iletrado e marginalizado. Num período marcado pelo alto índice de analfabetismo, ela permitiu que a população não letrada pudesse apreender as informações e notícias através da escuta de leituras em voz alta e da visualização das ilustrações (Barbosa, 2000). Assim, é possível afirmar que esses “[...] jornais têm, seguramente, mais ouvintes do que leitores e são, certamente, mais ouvidos e vistos do que lidos.” (Barbosa, 2000, p. 200).

Os semanários ilustrados foram um dos principais veículos de reforço e difusão das ideias racistas que estruturaram o projeto modernizador (Benedicto, 2019), se convertendo em verdadeiros agentes mediadores do racismo científico. Entre as vertentes internacionais divulgadas nesses periódicos, pode-se destacar as teorias do francês Arthur de Gobineau sobre uma superioridade ariana e ameaça de degeneração da raça, os estudos da antropologia criminal e a teoria do criminoso nato do italiano Cesare Lombroso, e as ideias do movimento eugênico criado pelo inglês Francis Galton (Skidmore, 2012; Schwarcz, 1973).

Já entre as teorias brasileiras, circularam na imprensa os pressupostos de supremacia branca e eugenia do médico Renato Kehl (Schwarcz, 1973), as teses do médico e antropólogo Nina Rodrigues sobre uma suposta inferioridade africana e tendência a doenças, a proposta de João Batista Lacerda de que em 100 anos o Brasil se tornaria um país branco; entre outros (Munanga, 2019).

Nessas ilustradas páginas foram reproduzidos textos na íntegra desses autores racialistas, análise de suas obras por outros intelectuais e pressupostos racistas diluídos em obras humorísticas. Esse humor racista pode ser definido como “racismo recreativo”, termo que significa “um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações

assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial” (Moreira, 2019, p. 95).

O racismo recreativo ainda servia como excelente recurso para “a perpetuação da falsa representação da irrelevância do racismo no nosso país ao classificar piadas racistas derogatórias sobre negros como atos que não expressam desprezo ou condescendência” (Moreira, 2019, p. 96). Sob a justificativa da inocência, da brincadeira e da não intencionalidade de ofensa, essas piadas eram a arma perfeita na perpetuação das hierarquias raciais sem que houvesse um questionamento da narrativa do Brasil como um país sem preconceito de cor.

Assim, a prática humorística em torno da população negra estava inserida num “regime racializado de representação” (Hall, 2016), no qual tinha sua retratação (visual e textual) construída a partir do processo da estereotipagem, que “reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (Hall, 2016, p. 190). Essas características reducionistas e naturalizadas recebem o nome de estereótipos raciais.

Dentro do campo das visualidades, é provável que o principal traço de estereotipação do negro fosse o uso da estética *blackface*, uma forma de representação em que os indivíduos possuem uma pele preta homogênea, com “olhos arregalados e grandes, lábios exageradamente grossos, poses e feições animais (muitas vezes simiescas), características que dentro dos padrões eurocêntricos são consideradas feias” (Antas, 2023, p. 97).

Esse recurso visual teve como origem o contexto racial dos Estados Unidos no início do século XIX, em pleno período escravista, quando grupos de menestréis realizavam espetáculos teatrais (*minstrels shows*) em que se satirizava o negro através de diversas “situações intencionalmente caricaturadas em palco, frequentemente apresentadas por actores brancos de fraco gabarito, que se faziam passar por negros, enfarruscando a cara com rolhas de cortiça queimada” (Borges, 2007, p. 23).

Os *minstrels shows* ganharam um impulso a partir de 1832, quando o ator Thomas Dartmoutn Rice (Daddy Rice) criou a partir de uma canção popular o personagem *Jim Crow* (Borges, 2007), representado a seguir pela ilustração feita por Edward Williams Clay, em que retrata o referido ator como o “*Jim Crow* original”.

Figura 6: O Sr. T. Rice como o Jim Crow original⁵¹



Fonte: Yale University Library⁵²

Como é possível observar na imagem, o *Jim Crow* consistia num homem branco que se pintava de preto, ressaltava os lábios e olhos exageradamente, usava roupas rasgadas e construía situações em representava o negro a partir de trejeitos estereotipados, como sendo bobo, risonho, bêbado e falando um inglês “errado” (Borges, 2007). A partir da difusão desse personagem que os *minstrels shows* se tornaram um dos principais entretenimentos dos espectadores branco, se estabelecendo como um produto cultural que usava do *blackface* para estigmatizar o negro⁵³.

A estética *blackface* se espalhou por diversos países através de “charges caricatas, performances teatrais dos menestréis, postais fotográficos e outros artefatos gráficos” (Adverse, 2015, p. 9), se firmando no Brasil como uma das principais formas de representação estética do negro. Através desse “jogo cômico do riso era explicitado que os traços constitutivos da raça eram desprovidos de harmonia, de beleza e de esmero nos gestos, o negro era na performance *Black Face*, uma estetização grotesca do feio e deselegante” (Adverse, 2015, p. 12).

Ao passar as páginas desses periódicos, pode-se observar que as caricaturas e charges geralmente representavam o negro numa estética desumanizada e animalizada, sendo sinônimo de negativo e associado aos estigmas de pobreza (como roupas gastas e ausência de sapatos), com a capoeira igualada a criminalidade, e visto como malandro, preguiçoso e afeito a

⁵¹ Tradução do título original “Mr. T. Rice as the original Jim Crow” (1932).

⁵² Disponível em: <https://collections.library.yale.edu/catalog/2012020> Acesso em: 19 de março de 2025

⁵³ O personagem ainda conseguiu ultrapassar o espaço do teatro até chegar à política institucional estadunidense, já que atribuíram seu nome a um conjunto de leis segregacionistas instituídas nos estados do Sul a partir de 1850, as chamadas Leis *Jim Crow* (Borges, 2007).

vadiagem. Já a mulher negra aparece na figura sexualizada da mulata e subserviente da empregada doméstica, entre outros.

Esses estereótipos raciais eram “usados para a manutenção de processos de estratificação porque perpetuam as desvantagens que afetam grupos minoritários e reforçam o status privilegiado dos grupos dominantes.” (Moreira, 2019, p. 42). Desse modo, os discursos e teorias produzidos pelos intelectuais do racismo científico tinham seu conteúdo simplificado em textos curtos, piadas e principalmente em imagens estereotipadas, facilitando sua absorção entre a população letrada e não letrada.

Cabe ressaltar que a presença negra na imprensa não estava restrita apenas às representações a partir do olhar dos letrados brancos, e estes discursos racistas não circularam sem que se erguesse vozes contrárias. Diversos letrados negros se arriscaram em entrar nessa arena de disputas para “melhorar a sua condição na escala social” (Barbosa, 2000, p. 107), e principalmente serem agente ativos nos debates em que o povo negro era pauta.

Os intelectuais negros utilizaram o poder de vitrine dos periódicos para publicizar seus textos contra as hierarquias sociais e raciais vigentes, reivindicando o acesso a direitos civis e buscando construir uma imagem positiva do negro como parte importante da construção nacional. Na Capital Federal se destacaram os nomes do abolicionista José do Patrocínio, o escritor Lima Barreto, o advogado Evaristo de Moraes, o médico psiquiatra Juliano Moreira, o músico Eduardo das Neves, entre outros. Já em outras capitais estaduais podem ser citados o historiador Manuel Querino em Salvador (BA), o cronista Astolfo Marques e o jornalista da causa operária Elesbão Luz em São Luís (MA), etc.

Hemetério José dos Santos, como já mencionado, fortaleceu esses movimentos de construção de uma cidadania negra via imprensa, estando presente nas páginas dos jornais cariocas desde sua chegada ao Rio de Janeiro imperial. Sua presença inicial se resumia à menção do nome em alguns espaços e divulgação de atividades docentes, fato que sofreu uma drástica mudança à medida que foi contratado pelas renomadas instituições educacionais, como o Colégio Militar e a Escola Normal do Distrito Federal.

Assim que se consolidou enquanto um professor e intelectual no início da República, a figura de Hemetério passou de citações e divulgações para a publicação de artigos de sua autoria, extensos elogios e críticas de seus pares e a circulação de representações visuais em que era elegantemente retratado, como é possível observar na seguinte fotografia divulgada em 2 de junho de 1910, na *Revista da Semana*.

Figura 7: O professor Hemetério dos Santos em companhia de alguns alunos



Fonte: Revista da Semana (RJ), 2 de junho de 1910, nº. 526, p. 7

Sem identificação do autor, a imagem mostra o professor Hemetério com seus 52 anos saindo do Palácio do Catete, sede da Presidência da República, acompanhado de alguns de seus alunos. Nota-se como o professor estava bem-vestido com sua sobrecasaca até os joelhos, gravata borboleta e cartola, demonstrando sua constante preocupação estética enquanto um intelectual preto frequentador de espaços brancos de poder, numa capital onde os “comportamentos passavam por um conjunto de normas não escritas” (Souza, 2016).

Dessa forma, Hemetério José dos Santos esteve presente diretamente nos principais veículos impressos de comunicação do Rio de Janeiro republicano, através da publicação de artigos e cartas nos jornais diários *O Tempo*, *o Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, *A Noite*, *O Paiz*, etc.; nas revistas ilustradas *Careta*, *Tagarela*, *Revista da Semana*, *A Escola Primária*, etc.; no *Almanaque Garnier* e outros.

Conforme pontuou Silva (2015), foi na imprensa que Hemetério discutiu e polemizou sobre as principais temáticas que estavam em voga no debate intelectual, abordando em seus textos discussões sobre regras gramaticais e filológicas, mudanças e adaptações do sistema de ensino público, questões geográficas e históricas, e principalmente as questões raciais, com denúncia de casos de preconceito de cor e críticas a negação de sua existência, a defesa da participação negra na história brasileira e mundial, entre outros.

Em meio a diversos discursos de letrados brancos que compunham as manchetes dos jornais, havia um letrado preto de cartola e sobrecasaca dialogando horizontalmente com eles, não se furtando de entrar em querelas e polêmicas acirradas, de criar desafetos e inimizades.

Hemetério sabia o poder que a imprensa tinha na sociedade carioca e nacional, e se aproveitou dela para se projetar publicamente enquanto um intelectual de cor.

2.2 Gramática, ensino público e outros debates

Os primeiros artigos com autoria de Hemetério que se tem registro foram publicados de 05 a 18 de agosto de 1892, na seção Pelas Escolas do jornal *O Tempo*. A partir de extensos textos, o professor discutiu sobre a estrutura do ensino público da capital federal, a necessidade de formação prática-erudita dos professores, a importância de formar bons professores para um bom sistema educativo, o acesso e condições para permanência dos alunos, e críticas a filosofia positivista (Silva, 2019). Ao produzir esses artigos, Hemetério se posicionou na intensa discussão sobre o sistema educacional que ainda estava se organizando dentro da constituição da jovem República.

Ele colaborou através de sessões periódicas com algumas revistas ilustradas humorísticas, de variedades, de educação e outras temáticas. Na revista *Tagarela*, foi de sua responsabilidade a partir de janeiro de 1903 a seção “Lições da História”⁵⁴, em que abordava em forma de poemas diversos personagens e acontecimentos da história brasileira e mundial.

Essa colaboração se estendeu até o ano de 1904, quando a revista teve sua produção encerrada. Todavia, durante o período de 1910 a 1912 a publicação desta sessão foi retomada em outro periódico⁵⁵, dessa vez na *Revista da Semana*, seguindo a mesma estrutura e conceito da publicada na *Tagarela*.

Em julho de 1908, Hemetério teve sua foto estampada na seção “Nossos Colaboradores” da revista mensal *Brazil Moderno*, junto a outros letrados como Pedro do Coutto, Mendes de Aguiar e Fábio Luz⁵⁶. Nesta revista de artes e letras, publicou em 1908 o texto “Gente nos Lusíadas”⁵⁷, em que discutiu sobre a utilização do vocábulo “gente” e usou como material de análise a obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões; e em 1911 o texto “Carta”⁵⁸, no qual informou a seu colega Maciel Espinheiro sobre o caso de uma menina que teria sofrido violência psicológica de sua família.

A revista *Careta* também contou com sua presença durante o ano de 1909 (ano de fundação do periódico), com a seção “Compendio de Geographia Pratica”⁵⁹. Nela se valeu de seus conhecimentos no campo da geografia para descrever algumas características dos bairros

⁵⁴ Tagarela (RJ), 10 de janeiro de 1903, nº46, p.3

⁵⁵ Revista da Semana (RJ), 17 de julho de 1910, nº 531, p. 27

⁵⁶ Brazil Moderno (RJ), 6 de julho de 1908, nº12-13, p. 35

⁵⁷ Idem, maio de 1908, nº 11, p. 27

⁵⁸ Idem, junho de 1911, nº 5, p.6

⁵⁹ Careta (RJ), 9 de janeiro de 1909, nº 32, p. 10

do Distrito Federal, como Botafogo, Catete, Santa Teresa e etc. Foram abordados os bairros limítrofes, superfície, quantitativo populacional, aspectos físicos e climáticos, fauna e flora, entre outros.

Em outubro de 1917, começou a publicar artigos na revista mensal “*A Escola Primária*”, dirigida por inspetores escolares do Distrito Federal⁶⁰. No conteúdo dos textos era discutida uma variedade de temas referentes a regras gramaticais e ao sistema de ensino, como os usos do pronome “se”⁶¹, ensino do português nas escolas primárias⁶² e a educação moral, cívica e social⁶³. Cabe destacar que Silva (2015) identificou uma parceria intelectual com sua filha mais velha, Coema Hemetério dos Santos, que no ano de 1922 se juntou ao pai nesta revista e publicou seus próprios artigos sobre temáticas gramaticais e de ensino público⁶⁴.

Para além da publicação de textos em sessões periódicas, Hemetério escreveu artigos e pareceres pontuais para alguns jornais de maior circulação, podendo ser citada a seguinte matéria sobre ensino de português, publicada pelo jornal *A Noite* em 2 de fevereiro de 1917.

Figura 8: O ensino de portuguez no Collegio Militar



Fonte: *A Noite* (RJ), 2 de fevereiro de 1917, n° 1842, p. 4

Na matéria foi exposto um “interessante parecer do professor Hemetério” no qual responde a uma carta circular do diretor do Colégio Militar referente a alterações no programa de português. É interessante notar que o texto é acompanhado de uma fotografia de Hemetério, fato que mais uma vez associa um homem de pele retinta a uma posição de intelectual com

⁶⁰ *A Escola Primária* (RJ), 1 de outubro de 1917, n°1, p. 1

⁶¹ *Idem*, p. 7

⁶² *Idem*, fevereiro de 1923, n° 1, p. 11

⁶³ *Idem*, março de 1927, n°1, p. 9

⁶⁴ *Idem*, março de 1922, n°2, p. 1

domínio de um campo do saber, no caso o ensino do português. Assim, pode-se inferir que toda pessoa que tivesse contato com tal matéria veria/ouviria um professor preto debatendo diretamente com o diretor branco da instituição em que trabalhava.

Ao longo do texto, foi argumentado que o ensino da língua portuguesa deveria ser diário para que o conhecimento se tornasse inconsciente, os fatos gramaticais deveriam ser uniformizados para toda a instituição, a ortografia deveria seguir os moldes estabelecidos por grandes periódicos como *Jornal do Commercio* e *O Paiz*, o estudo da língua se basearia na literatura portuguesa e brasileira do século XIX até os quinhentistas, entre outras observações⁶⁵.

Ao final da carta, Hemetério demonstra a importância que atribuía ao estudo da língua portuguesa ao afirmar que deveria ser estudada como “órgão de coesão política, como signal característico de nacionalidade, e de raça”⁶⁶. Interessante observar que mesmo tratando de um assunto referente ao ensino, há a presença da temática que marcaria a trajetória intelectual de Hemetério: o negro e a questão racial.

2.3 “O vigoroso defensor das virtudes etíopes”

Como já foi discutido anteriormente, a atuação de Hemetério em favor da população negra começou em 1883, quando publicou o Livro dos Meninos que, entre seus diversos conteúdos, tinha o objetivo de combater os preconceitos num país com evidente “heterogeneidade das raças”. Por mais que tenha tido este pioneirismo no Império, foi no Pós-abolição que construiu um intenso e incisivo projeto de disputa dos sentidos simbólicos e materiais de ser negro, combatendo as concepções do racismo científico e formulando uma visão positiva do povo negro na sociedade brasileira.

“Hemetério tinha grande capacidade de transformar a mágoa num barulhento orgulho de ser preto” (Muller, 2006, p. 149), fato evidenciado nas diversas querelas e polêmicas que levantou ao discutir abertamente com outros intelectuais sobre as questões raciais. Afamado nos quatro cantos do Rio de Janeiro como discutidor e polemista, sua atuação pela defesa da população negra ganhou tanta popularidade que Silva (2015) identificou na revista *Careta* sua nomeação irônica de “vigoroso defensor das virtudes etíopes”⁶⁷. Nesse período a palavra “ethiope” era utilizada para “designar os povos negros em geral”⁶⁸.

O Pós-abolição foi um período marcado pela atuação de diversas personalidades negras que, como Hemetério, se lançaram na disputa para a edificação de uma cidadania plena da

⁶⁵ A Noite (RJ), 2 de fevereiro de 1917, n° 1842, p. 4

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Careta (RJ), 15 de novembro de 1913, n° 285, p. 12

⁶⁸ Idem, 28 de março de 1925, n° 875, p. 8

população negra, lutando “por terra, autonomia, contratos, moradias e salários - e enfrentar a costumeira truculência” (Gomes, 2005, p. 12). Parte dessa luta foi liderada pelos intelectuais negros, em geral jornalistas, professores, artistas, literatos, advogados, e outros que ao ascenderem socialmente se empenharam na defesa dos direitos de seus “irmãos de cor”.

Tendo variados projetos e áreas de atuação, cada um desses letrados tinham o desejo pela total integração do negro na nação brasileira (Guimarães, 2010), sendo uma incorporação do ponto de vista social, econômico, jurídico e simbólico. Assim, os intelectuais negros foram “os porta-vozes de um sentimento popular que ia além da aspiração por respeito, igualdade de tratamento e de oportunidades [...] desejo de livrar-se do preconceito de cor e do estigma da escravidão” (Guimarães, 2021, p. 64).

Foi a partir da organização dessa elite letrada que surgiu a imprensa negra, um conjunto de periódicos escritos e editados por profissionais negros que tinham as demandas dessa população como tema principal (Gomes, 2005). Criados no final do século XIX⁶⁹ e popularizados no início do XX, esses jornais foram utilizados para “denunciar as condições de vida, a segregação, a falta de oportunidades, o cotidiano de racismo e a violência experimentada pelas populações negras, sobretudo nas cidades” (Gomes, 2005, p. 32).

Num momento em que se construía um discurso sobre o Brasil ser um país sem qualquer tipo de preconceito de cor e forma de segregação, ao contrário dos Estados Unidos, onde o racismo era explícito, ao mesmo tempo os jornais diários divulgavam pequenas notas sobre os frequentes casos de exclusão de negros nos diversos espaços das cidades brasileiras (Nascimento, 2016). Assim, a imprensa negra se incumbiu na missão de denunciar esses casos de preconceito de cor, cobrar seu combate pelas autoridades e encontrar caminhos para blindar o negro de passar por tais situações.

Esses jornais ainda desempenharam um papel de mobilização política do meio negro, incentivo a luta pelo acesso à educação, questionamento das hierarquias raciais e dos pressupostos do racismo científico. Um recurso muito comum para contrapor o imaginário racista era a divulgação de exemplos de ascensão negra. Em suas páginas surgiam o nome de diversos intelectuais negros, como o próprio professor Hemetério, que foi utilizado para “exaltar a capacidade e inteligência dos negros, assim como para questionar os divulgadores da ideia de inferioridade das pessoas negras” (Santos, 2019, p. 244).

⁶⁹ O primeiro jornal negro foi *O Homem de Côr*, criado em 1833 pelo editor e tipógrafo Francisco de Paula Brito, avô da esposa de Hemetério.

Apesar de ser citado com admiração em jornais negros como *O Clarin da Alvorada* (SP) e *O Exemplo* (RS), Hemetério não parece ter publicado diretamente nessa imprensa negra, destinando sua atuação antirracista aos espaços brancos dos jornais diários e das revistas ilustradas. As batalhas que ele escolheu travar nessa arena de letrados utilizaram como principal arma o próprio conhecimento dos campos do saber desse universo intelectual, abordando a literatura, a história, a gramática e a filologia como argumentos para defesa do negro.

Um dos seus artigos antirracistas mais famosos foi publicado em 1907 no *Almanaque Garnier*, periódico de que era colaborador. Com o título de “*Etymologias Preto*”, o artigo ocupou três páginas em que o autor se utiliza de argumentos históricos, etimológicos e literários para demonstrar como a palavra “preto” não tinha um sentido etimologicamente pejorativo. Analisando a história mundial, Hemetério discorre sobre a origem de palavras como “cativo”, “escravo”, “servo” e “ethiope”, não associando diretamente com os negros (Silva, 2015).

Em novembro de 1908, foi publicado no jornal *Gazeta de Noticias* uma carta enviada a Fábio Luz em que criticava a abordagem sobre o negro nas obras do escritor Machado de Assis, sendo republicada em 1910 no *Almanaque Garnier*. Segundo Hemetério, o famoso romancista teria construído uma literatura “incolor” ao negligenciar a abordagem do “problema do negro”, considerado um tema essencial para todos os literatos brasileiros. Essa negligência se agravaria mais com o fato do autor de *Dom Casmurro* ter sido um homem mulato e parecer se envergonhar de retratar a realidade de seus “irmãos de cor” (Dantas, 2010).

Não cabe aqui discutir se Hemetério estava certo ou errado em suas críticas a Machado de Assis, mas sim observar como a questão racial era um tema que ele defendia intensamente, chegando a criticar um autor que na época já era bem-visto dentro dos ambientes intelectuais e literários. Essa ousadia trouxe ainda mais antipatias e incômodos com sua figura por parte dos opositores racistas, uma vez que “se já possuía uma difícil trajetória intelectual por causa de sua cor, o seu trânsito tornou-se ainda mais complicado” (Benedicto, 2019, p. 175).

Em setembro de 1913, Hemetério empreendeu outra polêmica ao se opor a um artigo de forte teor racista. Segundo Silva (2015), o intelectual Alcindo Guanabara publicou no periódico *A Imprensa*, de que era proprietário, um texto em que criticou incisivamente o fato do professor ter dirigido uma carta particular ao senador Pinheiro Machado, em que discutia as dificuldades dos negros diante do racismo vigente.

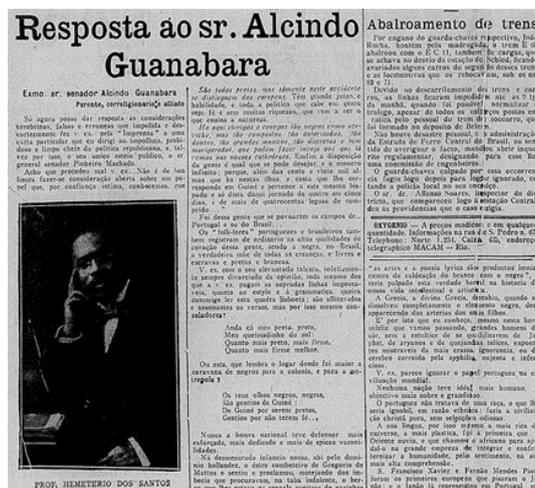
Ao longo do texto, Alcindo realizou uma série de argumentações em que questionava a existência do “preconceito de raça” no Brasil, afirmando não haver “má vontade contra o negro,

ódio ao negro, repulsão ao negro”⁷⁰. Essa crítica estava inserida dentro do contexto em que sob o discurso do Brasil não possuir preconceito de cor, a elite brasileira considerava toda denúncia de racismo como uma “ameaça à segurança nacional, tentativa de desintegração da sociedade brasileira e da unidade nacional” (Nascimento, 2016, p. 88).

Ainda afirmou que “[...] a raça definha, absorvidos os seus melhores elementos pela raça branca, mais numerosa e possuidora das melhores qualidades para a luta [...]”⁷¹. Esse discurso faz uma óbvia referência aos pressupostos das teorias raciais que circulavam pelo universo intelectual brasileiro, mais especificamente a ideia do “desaparecimento do negro através da ‘salvação’ do sangue europeu” (Nascimento, 2016, p. 79)

No mês seguinte, Hemetério publicou no jornal *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro* um artigo intitulado “Resposta ao sr. Alcindo Guanabara”⁷², no qual se valendo de seus conhecimentos em literatura e história fez duras críticas ao intelectual, defendeu positivamente as qualidades do negro e destacou suas contribuições na construção da nação brasileira⁷³.

Figura 9: Resposta ao sr. Alcindo Guanabara



Fonte: O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro (RJ), 20 de outubro de 1913, nº 320, p. 5

Com o artigo ocupando três das cinco colunas da página e sua foto acompanhando o texto, o professor cita diversos exemplos de fatos históricos e literários em que negros desempenharam papel importante, como a presença da África na literatura de Luís de Camões, o general do exército napoleônico Alexandre Dumas, os poetas mineiros Basílio da Gama e Manoel Ignacio, o poeta maranhense Gonçalves Dias, entre outros.

⁷⁰ A Imprensa (RJ), 29 de setembro de 1913, p. 1.

⁷¹ Idem.

⁷² Este artigo foi identificado por Silva (2015).

⁷³ A Noite (RJ), 1917, ed. 1842, p.

A argumentação é finalizada com uma exaltação à revolta da Balaiada, movimento popular que “vinha rugindo de sede e fome de Justiça”⁷⁴ na província do Maranhão durante o século XIX. Chamada por ele de “a epopéia maranhense de 1840”⁷⁵, são abordadas as heroicas movimentações dos líderes balaios Raimundo Gomes, Francisco dos Anjos, e Negro Cosme, o “imperador das liberdades bemtevis”⁷⁶.

Em junho de 1915, Hemetério novamente reagiu a uma matéria que inferiorizava a população negra. Tudo começou no dia 14 de junho, na seção Microcosmo do jornal *O Paiz*. Escrito por Carlos de Laet, o texto reverberou o fato do escritor espanhol *Blasco Ibañez* ter visitado o Brasil e considerado o negro como “ridículo pela desgraciosa apparencia physica”⁷⁷. Laet continua afirmando não saber “se a raça negra entra por qualquer cousa no sangue do hespanhol illustre”⁷⁸ e que deixaria os comentários dessas afirmações “ao braço secular do Hemeterio”⁷⁹.

No dia 18 de junho, Hemetério enviou uma carta à redação do *Paiz* com sua resposta à afirmação racista sobre a aparência negra. Intitulada “A proposito de um ‘Microcosmo’”, nosso ilustre intelectual começa a carta afirmando que o escritor espanhol teria se inserido “nos grupos dos ingratos, e dos ignorantes da história dos seus avoengos, para ridicularizar os filhos dos seus aliados primeiros”⁸⁰ e seguiu elencando diversos exemplos da participação de negros na história da Espanha.

Mais uma vez se utilizando da publicização da história do povo negro como resposta para um discurso racista, foi citado que a presença negra forneceu aos exércitos dos soberanos espanhóis “o elemento disciplinado, fiel e bravo”⁸¹. Que graças aos exércitos mouros a Espanha “saiu da anarchia, e a sua capital Cordova pôde rivalizar com Bagdad”⁸². Ressaltou, ainda, que o negro tinha sido “o braço secular de todos os povos latinos”⁸³, entre outros argumentos.

Ele conclui o texto afirmando que se o sr. *Blasco Ibañez* achava o negro com “tão desgraciosa apparencia”, o mesmo deveria ser dito sobre os brancos, já que os dois seriam alvos do “vil trabalho, tão explorados dos governantes ricos”. Nesse encerramento, o professor contradita que caso existisse essa questão estética, não seria decorrente de um fator racial, mas

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ *O Paiz* (RJ), 16 de junho de 1915, nº 11209, p.1

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ *O Paiz* (RJ), 18 de junho de 1915, nº 11211, p. 3

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

⁸³ Idem.

resultado da condição do trabalho exploratório que atingiria toda a população empobrecida. Essa visão de Hemetério demonstrava que ele tinha também a compreensão exata do funcionamento do modo de produção capitalista vigente.

A ousadia de desafiar as narrativas hegemônicas que apregoavam uma suposta inferioridade do negro causou a antipatia de diversas pessoas com relação a Hemetério, que reagiram incisivamente contra seus discursos na imprensa. Assim, mesmo que tenha alcançado uma posição de respeito no cenário público republicano, que tenha participado ativamente de discussões com outros intelectuais brancos e possuído uma extensa rede de contatos com personalidades ilustres, nenhum desses fatores blindou o professor Hemetério ao longo da vida de ter sua cor como foco de ofensas públicas, piadas e troças de cunho racista.

Como dificilmente poderiam atacar sua carreira profissional ou capacidade intelectual (poucos ainda ousaram), a única reação que a imprensa conseguiu recorrer para demonstrar seu desconforto e insatisfação com a posição social de Hemetério, sua presença nos periódicos e seus posicionamentos públicos foi o racismo. E a principal forma de expor esses discursos e ofensas foi na imprensa humorística, ou seja, através do humor e do riso racista.

CAPÍTULO 3

HEMETÉRIO E O RACISMO EM SUAS REPRESENTAÇÕES HUMORÍSTICAS

3.1 A cor como piada

O humor foi uma das linguagens mais utilizadas pela imprensa ilustrada no início do século XX, pois permitia a circulação de discursos que não tinham abertura nos grandes jornais diários, já que “consegue romper algumas barreiras do não dito e das entrelinhas” (Antas, 2023, p. 26). Para Antas, “muitas vezes é possível que o chargista consiga passar muito mais detalhes de uma informação que o jornalista não pode redigir” (2023, p. 26).

Por mais que as sátiras e ironias fossem dirigidas a todos os indivíduos de destaque no cenário público nacional, as revistas ilustradas davam uma atenção maior e profundamente racializada aos negros que conseguiam uma ascensão social e passavam a transitar por lugares hegemonicamente brancos.

Mesmo com a conquista de certo capital material e simbólico, esses letrados negros não conseguiam se blindar dos ataques racistas, já que sua cor “superpõe a qualquer outra de suas características. Culto ou influente, com qualidade ou defeitos, o negro é antes de tudo um negro e, se em destaque, fora do seu lugar” (Lustosa, 1991, p. 167). Assim, o humor racista ou racismo recreativo talvez tenha sido a arma mais eficaz para a manutenção de um projeto de supremacia branca, já que através de charges estereotipadas e ironias racializadas se tentava reposicionar simbolicamente esses homens negros que ousavam estar “fora do seu lugar”.

Esse foi o caso do professor Hemetério José dos Santos, que se tornou um dos alvos das revistas ilustradas ao verem como um abalo nas estruturas do imaginário racista a presença de um arguto professor retinto em espaços brancos. Esse incômodo pode ter sido intensificado devido o seu constante discurso de questionamento das hierarquias raciais dentro de ambientes institucionais, como o sistema educacional e a própria imprensa

Ao longo da pesquisa, foram encontradas diversas representações humorísticas sobre o professor Hemetério que podem ser classificadas em duas categorias de análise: as textuais e as visuais. Identificou-se em torno de 40 textos humorísticos, fora aqueles que não foram registrados nos quadros analíticos devido a quantidade suficiente de material já coletado para a esta pesquisa. Seja utilizando seu nome ou pseudônimos como “M. Etereo”, “Meterio”, “M. Etereo” e “Cemiterio”, muitas vezes esse humor exclusivamente escrito consistia em pequenos e curtos textos para ocupar menos espaço, já em outros momentos eram extensas histórias e

situações hipotéticas embebidas por sátiras que tinham como foco sua cor e outros traços fenotípicos.

Constantemente seu nome era utilizado como sinônimo de preto, escuro, sombrio ou algo negativo. Por exemplo, a revista *D. Quixote* em 1919 afirmou que o futuro de um humorista seria “tão escuro e trevoso como o Hemetério trajando de luto numa camara photographica”⁸⁴. Outra expressão textual foram os diversos trocadilhos com os binômios preto/branco e claro/escuro, como em 1909 quando a revista *Careta* elencou máscaras de carnaval que correspondem a diversos figuras ilustres e afirmou que Hemetério possuía uma “fantasia de neve polar”⁸⁵.

Com relação às representações visuais, identificou-se um total de 24 ilustrações que variam entre caricaturas e charges. Seja numa estética realista ou no uso do *blackface*, essas imagens apresentavam um padrão de signos visuais de Hemetério: um homem preto retinto com seu bigode característico, usando óculos de aro de ouro, fraque/sobrecasaca, colete e calça, camisa branca, gravata slim/borboleta, chapéu coco/cartola, sapatos pretos, guarda-chuva/bengala, charuto e a presença de um papel ou livro em suas mãos, geralmente uma gramática.

Algumas charges nem precisavam mostrar o professor por completo, conseguindo construir um humor só com a insinuação visual de sua presença, como é possível observar na imagem a seguir, publicada em janeiro de 1910 pela *Revista da Semana*.

Figura 10: UM SUSTO



Fonte: Revista da Semana (RJ), 2 de janeiro de 1910, nº 503, p. 44

⁸⁴ *D. Quixote* (RJ), 7 de maio de 1919, nº 101, p. 22

⁸⁵ *Careta* (RJ), 27 de fevereiro de 1909, nº 39, p. 21

Assinada por Raul Pederneiras (R.), a charge intitulada UM SUSTO apresenta uma situação em que um pai que se assusta com uma mão de cor preta estendida e diz “Ai, credo! Desta vez estou frito !”, em seguida seu filho o tranquiliza dizendo que “Não é o que você pensa, papá; é o Dr. M. Ethereo que está cumprimentando”. A charge faz referência a um episódio que tomou as páginas dos periódicos no final de 1909, quando se noticiou que em São Paulo uma loja chamada Casa Alemã teria sido incendiada após os proprietários ignorarem uma intimação para pagamento de uma taxa para a Mão Negra⁸⁶.

Essa era “uma vasta, poderosa e disciplinada sociedade de gatunos oriunda da Italia e aclimada nos Estados Unidos”⁸⁷, sendo um poder paralelo que enfrentava a polícia estadunidense e que recentemente havia desembarcado em terras brasileiras. O trágico episódio foi largamente utilizado para satirizar Hemetério, onde a revista *Careta*, nesse período, narrou um episódio fictício em que o “Dr. Meterio” causou um pânico na população ao colocar sua mão numa janela e uma mulher que passava na rua “levou um grande susto (influencia do caso de São Paulo)”⁸⁸.

3.2 Um professor de fraque e cartola

A profissão de professor e as escolas em que Hemetério trabalhou talvez tenha sido o principal eixo temático escolhido pelos semanários ilustrados. A revista *Careta* em maio de 1910 afirmou que uma discussão sobre a manutenção dos cursos noturnos “continua preta”⁸⁹, e com a aprovação do Conselho Superior de Instrução para a suspensão, o professor Hemetério teria ficado “branco...de raiva”⁹⁰. Mais uma vez houve a associação da palavra “preta” como algo negativo e o trocadilho entre o binômio branco/preto.

Havia ainda alguns humoristas que ousavam ironizar seu famoso domínio da língua portuguesa e das regras gramaticais. Em 1918, a revista *D. Quixote* narrou uma situação hipotética em que ele teria parado à esquina de uma rua, e por estar sem seus óculos, perguntou a “um homem do povo, um preto”⁹¹ qual era o destino do bonde que estava se aproximando, ao passo que teve como resposta “sinhô desculpe, mas eu tambem não seio lê”⁹².

Fica explícito que a ironia se centra na associação da figura de Hemetério enquanto um reconhecido professor de português, e o constante estereótipo racista de que pessoas negras não

⁸⁶ *Careta* (RJ), 4 de dezembro de 1909, nº 79, p. 28

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ *Idem*, p. 10

⁸⁹ *Careta* (RJ), 14 de maio de 1910, nº 102, p. 21

⁹⁰ *Idem*.

⁹¹ *D. Quixote* (RJ), 7 de setembro de 1918, nº 69, p. 15

⁹² *Idem*.

saberiam ler. Esse estigma ainda é evidenciado na fala do “homem do povo”, que apresenta como marca “a pronúncia incorreta da língua nacional” (Lustosa, 1991, p. 168).

Essa era tradição com bases escravistas e racistas do universo humorístico brasileiro, que pode ser definida como uma “caricaturização da fala” (Silva, 2017). Consistia na “imposição de um português fora dos padrões cultos, e isso constituía-se, ao mesmo tempo, em uma maneira de marcar etnicamente os personagens negros e mante-los em um lugar social específico” (Silva, 2017, p. 365). Mesmo que esse recurso as vezes fosse utilizado na representação das camadas populares em geral, quando se referia a personagens negros se convertia numa “forma vexatória de pontuar suas habilidades intelectuais e o seu preparo para receber uma cidadania plena.” (Antas, 2023, p. 98).

Se as representações textuais apresentavam um teor racializado e altamente racista, as charges e caricaturas sobre esse universo educacional de Hemetério expunham uma ambivalência de significados, variando entre o uso do humor racista e algumas posições de respeito com sua figura. Este último aspecto fica visível na ilustração a seguir, publicada em 11 junho de 1910 pela revista *O Malho*.

Figura 11: SOMBRINHAS FALLANTES⁹³



Fonte: *O Malho* (RJ), 11 de junho de 1910, nº 404, p. 39

⁹³ Transcrição: *Hemetério*: - Então! ... Foram ou não foram restabelecidos os cursos nocturnos da Escola Normal? ... Ou eu não me metesse a esclarecer a questão ... O Zé-Veríssimo engoliu a espada, si bem que ainda esperneie um pouco ... Mas isso passa. Afinal, o Nilo e o Serzedello têm a faca e o queijo na mão ... o Verissimo gosta muito de mineiro com botas e não quer perder a fatia ...

Intitulada SOMBRINHAS FALLANTES, a charge assinada por Aryosto Duncan representa na parte textual uma fala em que Hemetério questiona se os cursos noturnos da Escola Normal haviam sido restabelecidos. O texto faz referência a uma polêmica ocorrida em janeiro de 1910, quando José Veríssimo, diretor da Escola Normal, decidiu fechar o curso noturno da instituição sob a justificativa moral de que as moças não deveriam frequentar a vida noturna. Imediatamente o professor preto enviou telegramas para o periódico *O Paiz*, se unindo a outros companheiros de profissão, jornais e as próprias normalistas para reivindicar a manutenção do curso. Após diversos protestos da sociedade civil, o ensino noturno foi restaurado e mantido (Santos, 2019).

A charge afirma que o “Zé-veríssimo enguliu a espada”⁹⁴ devido às decisões do presidente Nilo Peçanha e do prefeito Serzedello Corrêa, que tinham “a faca e o queijo na mão” para a manutenção dos cursos. Assim, o chargista Aryosto se colocou a favor do posicionamento de Hemetério e ironizou o fato do diretor ser obrigado a aceitar essa decisão.

A posição respeitosa do autor fica evidente na imagem em que o professor foi representado de forma séria e ativa, com feições humanizadas e com seu clássico vestuário elegante. É interessante observar que sua mão direita porta uma espécie de papel enrolado, que poderia ser a representação de um charuto ou um símbolo de seus conhecimentos escritos

A constância da representação do bem vestir de Hemetério fez com que seu vestuário fosse outro alvo utilizado pelos periódicos. Em 1908 a revista *Fon Fon* apresentou uma situação hipotética que Hemetério traria dentro do “bolso interno do lindo frack azul do pre...claro”⁹⁵ um rascunho de um projeto de reforma educacional, fazendo assim um trocadilho com o binômio preto/claro. Seu costume de portar e fumar charuto foi ironizado em 1911 quando a revista *Careta* o chamou de “sr. Charuto”⁹⁶, assim como em 1916 quando o *Gazeta de Notícias* narrou a visita do professor na redação do jornal destacando seu “inseparável charuto”⁹⁷.

Em março de 1918, a revista *O Malho* publicou na seção Vida Elegante uma minibiografia satírica de Hemetério que menciona seu vestuário a partir do momento em que “a vida lhe sorriu”. Ironizou que ele passou a circular apenas de táxi pelas avenidas cariocas trajando “um chapéu panamá cahido sobre a cara de ebano, e charuto fumegante, frack azul escuro e calças brancas, pernas trançadas, todo o rio snob tem a impressão de ver um príncipe Zulu em villegietura”⁹⁸.

⁹⁴ O Malho (RJ), 11 de junho de 1910, nº 404, p. 39

⁹⁵ Fon Fon (RJ), 13 de junho de 1908, nº 10, p. 10

⁹⁶ Careta (RJ), 9 de dezembro de 1911, nº 893, p.25

⁹⁷ Gazeta de Notícias (RJ), 7 de janeiro de 1916, nº 14, p. 3

⁹⁸ O Malho (RJ), 30 de março de 1918, nº 811, p.23

Esse discurso em torno do bem vestir de Hemetério denota o incômodo que a revista tinha em ver um homem preto desfilar pelas largas e europeizadas avenidas cariocas, fato que fica ainda mais evidente quando se nomeia o professor como “um príncipe Zulu”, uma referência ao povo zulu que habita o sul do continente africano.

3.3 Neto de Obá, do príncipe africano

Desde o século XIX, a Europa se afirmava como o centro da civilização e do progresso, através da circulação de discursos do racismo científico e do avanço da exploração imperialista no interior do continente africano. Ao se autointitular como padrão de humanidade, os europeus impuseram sobre a África um conjunto simbólico de conceitos estigmatizantes, sendo frequentemente representada como um lugar de inferioridade, primitivismo, atraso, barbárie e historicamente abandonado (Hall, 2016).

Dessa forma, tudo que era associado ao continente africano ganhava um sentido pejorativo dentro desse discurso de supremacia europeia. A tática de relacionar letrados negros a África pode ser compreendida como uma tentativa de retirá-los de sua posição simbólica de prestígio social, já que reafirmavam sua origem étnica e os associavam essas concepções pejorativas.

Em novembro de 1908, a revista *Fon Fon* publicou uma sessão assinada por Veridiano Pyndahyba em que idealizou o que mudaria se Cristóvão Colombo não tivesse chegado à América. Levantou a hipótese que Hemetério e seu amigo Monteiro Lopes (que será abordado a seguir) não estariam com suas “bBOSEIRAS CIVILISADORAS DE ENSINAR MOÇAS E DE DISPUTAR CADEIRAS DE DEPUTADO”⁹⁹, mas se encontrariam “doce e bucolicamente entregues aos ineffáveis prazeres da caça ao hyppopotamo no rio Zambeze ou ás bravas e emocionantes surpresa aos elefantes nas florestas e brenhas da Senegambia”¹⁰⁰.

Em 1909 a *Careta* afirmou que o professor diante do insucesso de sua propaganda contra a diretoria da Escola Normal, iria “requerer ao governo que o nomei embaixador junto ao governo do Estado Livre do Congo”¹⁰¹. Em 1919 a mesma revista o chamou de “symbolico africano Hemeterio”¹⁰², assim como a *Fon Fon* em 1908 se referiu a ele como “dedicado educador natural da Libéria”¹⁰³.

⁹⁹ *Fon Fon* (RJ), 14 de novembro de 1908, n°32, p. 22

¹⁰⁰ *Idem*.

¹⁰¹ *Careta* (RJ), 12 de junho de 1909, n° 54, p. 24

¹⁰² *Careta* (RJ), 6 de setembro de 1919, n° 585, p. 9

¹⁰³ *Fon Fon* (RJ), março de 1908, n° 50, p. 8

Essa associação ainda foi utilizada por alguns desafetos que se incomodavam pela figura e posicionamentos públicos do professor preto, como é possível perceber no soneto escrito por um famoso satírico carioca que acompanha a seguinte caricatura.

Figura 12: O soneto de Emílio¹⁰⁴



Fonte: Tagarela (RJ), 13 de setembro de 1902, nº 29, p. 6

Publicada em setembro de 1902 na revista *Tagarela* e assinada por Augusto Santos (Falstaff), a caricatura sem título representa Hemetério com uma aparência esguia e alongada, trajando seu já conhecido vestuário elegante, com cartola, charuto, guarda-chuva e etc. Novamente apresenta certa ambivalência de significados, já que o retrata enquanto um professor bem-vestido e ao mesmo tempo ironiza o evidente domínio desses padrões comportamentais, através do dedo indicador apontado para o queixo (popular gesto de pensamento) e um livro embaixo do braço esquerdo com o título “*Manual Civilidade*”.

¹⁰⁴ Transcrição: Neto de Obá, do príncipe africano / Não faz congadas, corta no maxixe, / Herbert Spencer de ébano e de guano / É Froebel de nanquim ou azeviche. / No Pedagogium de que é soberano / Diz: que comigo a critica se lixe; / Sou o mais completo pedagogo urbano, / Pestalozzi genial pintado a pixe. / Major, fez da côr preta a côr reína. / Na vasta escala da ornithologia / Se aguia não é não é tambem graúna. / Um amator de passaros diria: / Este pretinho é um passaro turuna, / E' o vira-bosta da pedagogia.

A charge acompanha o primeiro de dois sonetos escritos por Emílio de Menezes, um dos mais famosos jornalistas e poetas satíricos da boêmia carioca. Ele era conhecido por possuir “uma sátira visceral, de ataques baixos, de diminuição ‘daquele que se ri’ da forma mais feroz e corrosiva possível” (Benedicto, 2018, p.153). Seu riso era ainda mais violento quando abordava indivíduos negros que ascendiam socialmente, sendo Hemetério um dos principais alvos de suas sátiras racistas.

Essa implicância fica evidente nesse soneto que a charge acompanha. Inicialmente ele é apresentado como neto do príncipe Obá, figura famosa nas ruas do Rio de Janeiro por ser um homem negro que reivindicava um parentesco com a realeza africana do reino de Oyó. Tal comparação pode ter um tom depreciativo, já que a população via como um “sinal de loucura o fato de ser um preto pobre com fumaças de nobreza” (Lustosa, 1991, p. 167).

Emílio segue o poema ao mesmo tempo reconhecendo as capacidades intelectuais de Hemetério e ressaltando a sua cor ao compará-lo com educadores famosos, como “Hebert Spencer de ébano e de guano”, “Froebel de nanquim ou de azeviche”, “Pestalozzi genial pintado a piche”. O boêmio poeta ainda ironiza a fama de polemista no trecho que “Diz: que connigo a critica [que] se lixe” e termina com uma ofensa ao nomeá-lo como “o vira-bosta da Pedagogia”.

Segundo Benedicto (2018) a implicância com o professor Hemetério poderia decorrer dele ser um “espelho antagônico” de Emílio de Menezes. O poeta era um homem branco, corpulento, com ternos extravagantes e com pouco prestígio social, enquanto o professor se tratava de um homem preto, esguio, trajando ternos elegantes e sóbrios, sendo ele e sua família respeitados publicamente¹⁰⁵.

3.4 Dois letrados de cor

Um homem preto que geralmente era citado pela imprensa em conjunto com Hemetério foi o advogado Manoel da Motta Monteiro Lopes. Nascido em 1867 no Recife, Pernambuco, advinha de uma família de pais africanos e mais quatro irmãos que tinham um projeto de ascensão social baseado no acesso à educação formal e na ocupação de cargos públicos. Formado em advocacia pela Faculdade de Direito do Recife, já começou atuando em sua cidade natal como advogado de causas trabalhistas e em Manaus (AM) como promotor público, se mudando para a capital federal no começo da década de 1890 com o intuito de construir uma carreira na política institucional (Dantas, 2008).

¹⁰⁵ A descoberta e análise inicial da trajetória da família Hemetério dos Santos foi realizada por Silva (2015).

Teve uma atuação marcante dentro do movimento abolicionista e republicano, além de costurar uma rede de afinidades com diversos homens letrados, como “Silva Jardim, Lopes Trovão, Evaristo de Moraes, José do Patrocínio, Pedro Couto, Oswaldo Aranha, Hemetério dos Santos, Rodolpho Xavier e Benedito Florêncio” (Dantas, 2008, p. 12).

A união do apoio desses contatos com o meio operário e negro fez com que seu projeto político se concretizasse em 1903, quando Monteiro Lopes foi eleito intendente municipal (equivalente a vereador) pelo 1º distrito da Capital Federal, como pode ser observado na imagem a seguir.

Figura 13: O NOVO CONSELHO MUNICIPAL



Fonte: O Malho (RJ), 1903, nº 45, pg. 12

Publicada pela revista *O Malho*, numa sessão que expunha todos os novos componentes do Conselho Municipal, estava essa fotografia de Monteiro Lopes como o 1º Secretário, um homem preto com trajes de advogado ocupando um espaço político de relevância na administração pública. O novo intendente municipal “transitava nos meios intelectuais, políticos, operários e associativistas, exercendo uma dupla militância, já que era uma liderança para trabalhadores negros” (Dantas, 2008, p. 15).

A partir da inserção na política institucional que o nome de Monteiro Lopes passou a circular em jornais, peças de teatro e obras memorialistas, sempre envolto a discursos e falas profundamente racializadas (Dantas, 2008). As revistas ilustradas viram na figura do político preto o alvo perfeito para construir suas críticas satíricas, assim utilizando seu nome ou os pseudônimos “Monteiro Lápis” e “Tinteiro Lápis” para produzir uma série de textos e imagens que ironizavam sua posição “fora do lugar”, e em alguns momentos o associando ao seu amigo/aliado Hemetério dos Santos.

Em 1903, a Tagarela ironizou que diante de uma greve da Companhia de Gás, o “Mestre

M. Ethereo e sinhô Monteiro Lopes”¹⁰⁶ estavam “em jubilo com a idéa de pasarem uma noite ás escuras”¹⁰⁷. Assim como em junho de 1908, a *Fon Fon* satirizou que eles estariam organizando um grupo carnavalesco chamado “Flôr dos morenos”¹⁰⁸. Ainda havia a constante associação de São Benedito como “padroeiro dos srs. Monteiro Lopes e M. Ethereo”¹⁰⁹.

A comparação entre os dois letrados se estendia para o universo visual dos chargistas, como na figura a seguir publicada em 9 de julho de 1904, na revista *O Malho*.

Figura 14: A GRAMMATICA ÁS ESCURAS¹¹⁰



Fonte: O Malho (RJ), 9 de julho de 1904, n° 95, p. 25

A piada da charge já começa no título A GRAMMATICA ÁS ESCURAS, em que se ironiza a discussão em torno de uma questão gramatical e a cor da pele dos personagens através

¹⁰⁶ Tagarela (RJ), 1 de outubro de 1903, n° 84, p. 4

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Fon Fon (RJ), 13 de junho de 1908, n° 10, p. 21

¹⁰⁹ Careta (RJ), 22 de outubro de 1910, n° 125, p. 30

¹¹⁰ Transcrição: Monteiro Lopes: - Essa historia, deu dez hora, deram dez hora, é conformis a gente estivé no singulá ou no plurá ... / Hemeterio:- Como é isso? Não entendo! / Monteiro Lopes: - Eu, exprico: si noi sanda só cá na rua e o relógio bate as taes hora, si diz-se - deu dez hora; mas si a gente está em casa com sua muié e seus fio, si diz-se - deram dez hora ... / Hemeterio:- E o sujeito, quem é o sujeito? / Monteiro Lopes: - Ora, seu cumpade! Pois o sujeito da muié não é o marido ? / Hemeterio:- Não é isso: quem é o sujeito da oração? / Monteiro Lopes: - Pois entonces quem ha di sê? Sujeito de oração é ... padre! (O Malho, 9 de julho de 1904, n° 95, p. 25)

da expressão “às escuras”. Na imagem aparecem o advogado Monteiro Lopes e o professor Hemetério discutindo sobre a concordância do verbo “dar” com relação às horas do relógio, que também está presente na cena.

O humor da discussão está em Hemetério tentar entender o raciocínio de Monteiro, chegando a perguntar quem seria o sujeito da oração e ter como resposta “Pois entonces quem ha di sê? Sujeito de oração é ... padre!”¹¹¹. O chargista não identificado tenta representar Monteiro como alguém com dificuldades de compreensão do raciocínio gramatical, que interpreta as palavras de forma literal e com uma fala fora da norma culta.

Por mais que nessa charge a “caricaturização da fala” seja uma forma de contrastar com o domínio do português de Hemetério, era comum que Monteiro Lopes fosse representando com um discurso carregado de informalidades e coloquialismos, numa tentativa de reforçar a ideia de que “sua voz não tem legitimidade, pois sua fala é uma fala de negro, tem uma ‘estranha’ forma de pronunciar as palavras [...] com Monteiro Lopes a cor se denuncia na fala” (Lustosa, 1991, p. 168)

Além dos aspectos textuais, convém observar que os dois letrados são representados visualmente com as vestimentas de um negro moderno, com Monteiro portando uma sobrecasaca e cartola e Hemetério com uma cartola, fraque, guarda-chuva na mão e charuto na boca. Outro aspecto que se destaca é a estética *blackface* de ambos, no qual seus rostos possuem uma cor preta uniforme, podendo ser identificado apenas seus lábios grossos e brancos, seus narizes, o olho do advogado e os óculos do professor.

A partir da observação de algumas charges e caricaturas sobre Monteiro Lopes identificadas ao longo da pesquisa, é possível inferir que ele foi ainda mais atacado que nosso ilustre professor, já que essas imagens eram caracterizadas pelo uso constante da estética *blackface*, fala caricaturizada e situações ainda mais vexatórias. Assim, o advogado preto “foi recorrentemente atacado por injúrias raciais na imprensa, no teatro, em poesias e até em marchinha de carnaval; foi impedido de frequentar alguns lugares públicos” (Dantas, 2008, p. 21).

É provável que essa maior incidência de ataques racistas se deva ao fato de Monteiro ser um advogado defensor da causa negra e operária, filho de africanos e ter ousado ocupar um espaço de poder até então exclusivamente branco; enquanto Hemetério estava num contexto em que havia outros professores(as) negros(as) no cenário educacional, além de provavelmente possuir uma rede ainda mais extensa de conexões com ilustres figuras do cenário republicano.

¹¹¹ O Malho (RJ), 9 de julho de 1904, n° 95, p. 25

Esses ataques racistas ganharam sua maior amplitude a partir de janeiro de 1909, quando Monteiro Lopes se lançou como candidato a deputado federal e empreendeu uma campanha que mobilizou diversos trabalhadores, sindicatos, organizações e indivíduos negros. O próprio Hemetério foi um dos principais agentes de sua campanha, tendo “sido visto em constantes confabulações com vários eleitores na freguesia da Glória”¹¹².

A imprensa novamente reagiu de forma incisiva e racista ao produzir uma variedade de charges com *blackface* e situações estereotipadas, além de textos com críticas a sua candidatura. Provavelmente a revista *Careta* foi a mais engajada em desmoralizar a campanha, “associando-o a aspectos negativos, que iam da feiúra à compra de votos, passando pela burrice e pela bajulação” (Dantas, 2008, p. 25).

Apesar da forte oposição de alguns periódicos e figuras públicas, ao final de janeiro veio a confirmação que ele havia sido eleito. Imediatamente começaram a circular boatos pela cidade que Monteiro não seria empossado, pois alguns políticos acusavam o resultado de ser fraudulento e outros não aceitavam a presença de um preto como membro do parlamento (Dantas, 2008).

Diante da evidente tentativa de exclusão racial, “teve início uma significativa mobilização de entidades formadas por homens negros na cidade do Rio, em Campinas e arredores, em várias cidades do Sul do país, na Bahia e em Pernambuco” (Dantas, 2008, p. 35). Após uma campanha negra nacional para pressionar as lideranças políticas pelo cumprimento do voto popular, Monteiro Lopes teve sua eleição validada no final de abril e tomou posse no dia 13 de maio de 1909, um dia simbólico para esta conquista da luta política negra.

Ao se tornar o primeiro deputado negro da história do Brasil, Monteiro viu os ataques racistas perpetrados pela imprensa se intensificar, assim como suas associações com Hemetério. Em abril de 1910, a revista *O Filhote* veiculou um texto irônico¹¹³ em que noticiou a morte do rei Menelik II da Abissínia (Etiópia), que na realidade só veio a falecer no ano de 1913. Dentro dessa piada foi dito que o “retinto, extinto e distinto rei” teria deixado um filho na Câmara Federal (Monteiro Lopes), um irmão na Escola Normal (Hemetério dos Santos) e um neto advogado (Honório Menelick).

Era comum que as revistas ilustradas utilizassem a figura do rei etíope¹¹⁴ em

¹¹² *Careta* (RJ), 23 de janeiro de 1909, n° 34, p. 23

¹¹³ *O Filhote* (RJ), 7 de abril de 1910, n° 30, p. 12

¹¹⁴ Enquanto a figura do rei Menelik II era representada de forma racista e jocosa nos jornais e revistas ilustradas brancas, nos meios intelectuais negros se tornou uma referência internacional de resistência contra a ocupação imperialista europeia. O professor Hemetério, por exemplo, citou o nome do rei em artigos antirracistas e colunas sobre história mundial, como na seção Lições de História publicada pelas revistas *Tagarela* e *Revista da Semana*.

comparações com outros letrados negros da Capital Federal, devido as notícias que circulavam no Brasil desde 1896 quando “Meneleck II derrota os italianos na Abissínia e a Etiópia torna-se a primeira nação africana independente” (Guimarães, 2021, p. 69).

A associação entre esses letrados pretos e macacos foi outro recurso humorístico racista frequentemente utilizado pelos periódicos satíricos (Silva, 2015). Em fevereiro 1909, a *Fon Fon* na sessão “Os três filhos de Rozendo” contou uma história hipotética do casal Rozendo e Joanninha, cujo primeiro filho havia nascido “tão escuro e veio com tal carapinha que parecia, mal comparado, o professor Hemetério quando pequenino”¹¹⁵. Uma das explicações da esposa foi o fato de ter assistido aos discursos do deputado Monteiro Lopes e sonhado por diversas noites com sua figura, as vezes aparecendo “coberto de riquezas como um monarca barbaro”¹¹⁶ e em outras como um “macacão desabusado, tal qual um gorilla”¹¹⁷.

Em março de 1909, a mesma revista destacou os “pulinhos gramáticos-simios do professor Hemetério”¹¹⁸, assim como em janeiro de 1919 que a *D. Quixote* ironizou que o professor teria sido convidado para substituir “o macaco Jack, do cinema Odeon”¹¹⁹. Remetendo aos pressupostos do darwinismo racial, o discurso recorrente de comparar negros a macacos reforçava “a noção de que eles não possuem o mesmo nível de humanidade que as pessoas brancas, motivo pelo qual não deveriam circular ou ter o mesmo nível de direitos que pessoas brancas possuem” (Moreira, 2019, p. 86).

Para além de seu uso na imprensa, houve episódios em que tal associação racista foi utilizada para ridicularizar presencialmente o professor Hemetério. Em novembro de 1914, o jornal *O Século* divulgou que ele sofreu um ataque racista na posse do novo prefeito da capital federal, Rivadávia Corrêa. Em meio às falas de diversas autoridades políticas, foi anunciado que Hemetério iria utilizar da palavra para um discurso, sendo interrompido pelo momento em que um “rapaz, nessa ocasião, tirando alguns nikkeis do bolso, chamou um contínuo e ordenou: - vá comprar bananas”¹²⁰.

Diante de tamanho constrangimento, foi relatado que o professor não discursou e que uma única voz se ergueu em sua defesa, dizendo “o dotô Hemetério não é macaco”.¹²¹ Esse episódio denota como o professor foi atingido presencialmente por ofensas racistas que

Outros exemplos foram as diversas menções da história do rei etíope na imprensa negra brasileira, chegando a ser criado o jornal paulista *O Menelick* em 1915, que escolheu seu nome como título oficial.

¹¹⁵ *Fon Fon* (RJ), 27 de fevereiro de 1909, nº 9, p. 21

¹¹⁶ *Idem*.

¹¹⁷ *Idem*.

¹¹⁸ *Fon Fon* (RJ), 6 de março de 1909, nº 10, p.17

¹¹⁹ *D. Quixote* (RJ), 8 de janeiro de 1919, nº 87, p. 9

¹²⁰ *O Século* (RJ), 18 de novembro de 1914, nº 2536, p. 1

¹²¹ *Idem*.

tentavam destituí-lo de sua posição social de destaque e desconstruir simbolicamente sua humanidade. Todavia, assim como Monteiro Lopes em sua trajetória de representante político do meio negro, Hemetério nunca se deixou abater por esses episódios preconceituosos e continuou seu projeto de defesa dos seus “irmãos de cor”.

3.5 Os pretos excluídos do “Bahia”

Algumas charges sobre nosso intelectual preto eram construídas como reações aos seus debates empreendidos na imprensa em torno das questões raciais. Suas falas incisivas incendiaram o debate (ou a ausência dele) em torno da existência do preconceito de cor no Brasil, num período permeado por casos de uma segregação racial velada e não oficial. Um dos protestos do professor ganhou destaque no ambiente impresso em 15 de maio de 1915, a partir de uma notícia veiculada no jornal *A Noite*.

Sob o título de “Os pretos excluídos do ‘Bahia’”¹²², Hemetério se valeu da vitrine da imprensa para reverberar sua indignação contra uma possível proibição de homens pretos de ingressar como marinheiros no navio cruzador *Scout Bahia*. Ele divulgou uma carta¹²³ que enviou ao seu conterrâneo codoense José Maria de Magalhães Almeida, que desempenhava a função de comandante da embarcação mencionada. A carta apela para a ligação regional entre os dois e questiona se os negros seriam dispensados de um “tributo de sangue na guerra futura com a Argentina”¹²⁴.

A referência ao país vizinho foi devido a uma viagem diplomática que estava sendo preparada e foi concretizada em 19 de maio (quatro dias depois da denúncia), quando a embarcação *Scout Bahia* zarpou do Brasil em direção a República da Argentina, levando uma comitiva branca de oficiais da Marinha para participar das festas de independência do país¹²⁵. Após a presença em uma série de homenagens em Buenos Aires, a comitiva retornou ao Rio de Janeiro em 8 de junho 1915¹²⁶.

Essa não seria a primeira vez que um episódio de segregação racial teria ocorrido num contexto diplomático. No início de 1900, José do Patrocínio já denunciava em seu jornal *Cidade do Rio* “a discriminação aos marinheiros negros e mulatos na escolta que acompanharia o presidente Campos Sales em visita à Argentina” (Lustosa, 1991, p. 166).

¹²² *A Noite* (RJ), 15 de maio de 1915, n° 1217, p.

¹²³ *Idem*.

¹²⁴ *A Noite* (RJ), 15 de maio de 1915, n° 1217, p.

¹²⁵ *O Imparcial* (RJ), 19 de maio de 1915, n° 868, p.3

¹²⁶ *O Imparcial* (RJ), 9 de junho de 1915, n° 889, p.8

Já em 1907, alguns marinheiros negros foram excluídos de uma delegação diplomática aos Estados Unidos, assim como em 1908 quando buscou-se formar uma tripulação branca no navio que recepcionou o presidente da Argentina. Provavelmente era uma prática constante do governo brasileiro de filtrar a tripulação dos navios para tentar representar o Brasil no exterior como um país branco (Skidmore, 1976). Ainda mais no contexto dos dois países mencionados, em que os Estados Unidos possuíam um sistema oficial de segregação racial e a Argentina se afirmava como um país europeu na América do Sul, após empreender um projeto de embranquecimento físico e simbólico.

Hemetério não deixou que esse tipo de caso discriminatório fosse encoberto pela sombra do grande evento diplomático. Em 25 de maio de 1915, o jornal *A Noite* publicou o telegrama que o professor enviou ao ministro da Marinha Alexandrino de Alencar¹²⁷. Na correspondência, o ministro foi questionado sobre a veracidade das notícias de que crianças negras estariam sendo proibidas de se alistar para cargos na Marinha de Guerra. Hemetério assume uma posição de respeito ao apelar para o “culto e generoso coração de V. Ex.”¹²⁸, e recorre a argumentos históricos do passado em que a “Marinha tinha por chatas e cachoeiras os fortes peitos apenas dos pais desses de hoje perseguidos por sua própria Mãe-Pátria”¹²⁹.

O ministro Alexandrino imediatamente respondeu via telegrama ao protesto do professor, explicando que as dificuldades do orçamento da Marinha seriam o principal motivo para os casos de impedimento da participação de crianças negras¹³⁰. Ao longo da correspondência, o ministro recorreu a citação da participação histórica dos negros na Marinha, como na “figura heroica Marcillo Dias”¹³¹ e nas “batalhas navais empenhadas no Paraguai”¹³².

Conclui afirmando que o “ministério da Marinha não faz distinção de branco ou de preto, filhos do mesmo paiz”¹³³. A escolha do ministro por esse recurso argumentativo pode ter sido uma estratégia para apaziguar os ânimos do professor Hemetério, já conhecido por realizar essa defesa de seus “patricios de cor” através da rememoração de uma história negra.

Diante do esclarecimento do ministro, o professor enviou outro telegrama para agradecer a “nobre e fidalga resposta”¹³⁴. Ele aproveita para exaltar a participação negra na história mundial, citando como exemplos que as nações do Mediterrâneo deviam “o requintado

¹²⁷ *A Noite* (RJ), 25 de maio de 1915, n°1227, p.

¹²⁸ *Idem*.

¹²⁹ *Idem*.

¹³⁰ *A Época* (RJ), 27 de maio de 1915, n° 1006, p.

¹³¹ *Idem*.

¹³² *Idem*.

¹³³ *Idem*.

¹³⁴ *A Noite* (RJ), 27 de maio de 1915, n°1229, p.

explendor de suas artes”¹³⁵ a influência negra, que a Igreja Católica já teria “canonizado muitos negros e mulatos”¹³⁶, e que o “positivismo canonizou Toussaint Louverture, e tem por seu poeta nosso Gonçalves Dias”¹³⁷. Com esse telegrama, aparentemente a situação foi esclarecida e o caso concluído. Todavia, ele foi lembrado em 5 de junho pelo semanário *O Malho*, através da charge “CAMPANHA TELEGRAPHICA”.

Figura 15: CAMPANHA TELEGRAPHICA¹³⁸



Fonte: O Malho (RJ), 5 de junho de 1915, n° 664, p. 39

Assinada pelo chargista Aryosto Duncan, a charge¹³⁹ começa sua parte textual ironizando as cartas enviadas ao ministro da Marinha como “longos, scintillantes e pittorescos

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Transcrição: “A proposito de uma pretendida exclusão de gente preta na Armada, o professor Hemetério dos Santos passou longos, scintillantes e pittorescos telegramas ao Sr ministro da Marinha, em defesa dos direitos da sua raça. O ministro respondeu desfazendo a balela e achando muita razão na defesa”. - (Das minhas notas) / Hemetério: - Comigo é nove! Branco seja eu se admitir a desvalorização dos pretos! Não admitto! E se puxarem muito por mim, sou capaz de provar que dos nove presidentes da nossa Republica, seis, pelo menos, não eram brancos legitimis ... / Uma da raça: - Muito que bem e apoiado! e antonce, agora, que nois andamo neste chiquismo, é intolerável essa tintativa di minosprezo! ... / Zé: - Bravos! E viva o seu Hemetério que, com o seu preto no branco, poz os ministros em calças pardas ! ... (O Malho, 5 de junho de 1915, n° 664, p. 39)

¹³⁹ Esta charge foi originalmente identificada e analisada por Silva (2015)

telegramas”¹⁴⁰. Na imagem o professor Hemetério é representado ao centro, com seus trajes elegantes, segurando na mão direita uma “Grammatika Portuguesa” que simboliza seu domínio com tal área de conhecimento, e na mão esquerda uma pena grafada com a frase “PELA RAÇA NEGRA”. Ao mesmo tempo, esse objeto pode ser entendido como uma chama que acende o característico charuto que o professor fuma.

Os outros dois personagens em cena são uma mulher preta intitulada de forma genérica como “Uma da raça”, retratada com uma cor preta uniforme que não permite identificar suas feições faciais, se aproximando de uma estética *blackface*; já o outro personagem é provavelmente o Zé Povo, figura comum no universo da caricatura como representação do tipo nacional brasileiro.

O texto segue ironizando o posicionamento de Hemetério ao atribuir a fala “Branco seja eu se admitir a desvalorização dos pretos!”¹⁴¹, ao passo que a mulher apoia seu discurso dizendo ser “intolerave essa tintativa di minosprezo!”¹⁴². Novamente o chargista recorre a prática de “caricaturizar a fala” para delimitar a falta de domínio do português da personagem “Uma da raça”, em contraponto a erudição do professor. O texto é encerrado com a parabenização do Zé Povo a Hemetério, que teria posto “os ministros em calças pardas!”¹⁴³.

Cabe ainda destacar as diferenças da fisionomia dos personagens, uma vez que a mulher é totalmente desumanizada pela estética *blackface*, em contraposição ao Zé Povo que é o único com feições mais humanas e realistas. O próprio Hemetério tem seus traços faciais como os lábios, nariz e o formato da cabeça representados de forma exagerada e deformada, fato que fica evidente quando se compara essa representação com outras charges de reação a seus debates raciais.

3.6 A expulsão de um aluno por ser “de côr”

Em 4 de abril de 1917, o jornal *A Noite* publicou na íntegra um “enérgico protesto do professor Hemetério” que incendiou o debate público sobre o preconceito de cor, reverberando por todo o país. Sua carta-protesto foi divulgada após o professor tomar conhecimento que seu filho teve a matrícula no Colégio São Vicente de Paulo, em Petrópolis, negada pelo padre alemão Guilherme Adriannus, diretor da instituição. O motivo da exclusão: ser preto.

Ao saber de tal fato, Hemetério enviou telegramas para o presidente da República e o ministro do Interior denunciando o caso, além da carta enviada com a resposta ao diretor, que

¹⁴⁰ O Malho (RJ), 5 de junho de 1915, n° 664, p.39

¹⁴¹ O Malho (RJ), 5 de junho de 1915, n° 664, p.39

¹⁴² Idem

¹⁴³ Idem

foi amplamente divulgada na imprensa carioca. O professor começa seu protesto considerando a carta do diretor “tão pagã e pharisaica na forma e no fundo”¹⁴⁴. Destaca que sua indignação não foi apenas por se tratar de seu filho, mas sim por ver “ferida a civilização e a cultura da minha patria, por estrangeiros e sacerdotes que eu suppunha piedosos e ungidos pelas virtudes christãs”¹⁴⁵.

Ao longo de todo o texto, o professor faz uma crítica voraz ao fato de que uma escola liderada por religiosos estava a “semear a hedionda e abominavel doutrina anti-evangelica do prejuizo e do preconceito de côr”¹⁴⁶. Ele utiliza como argumentos sua própria experiência escolar no Colégio Imaculada Conceição, em São Luís, além de rememorar a presença negra na história da Igreja Católica e até evocar a trajetória de São Vicente de Paulo, patrono do Colégio.

A notícia de que o filho do afamado professor Hemetério dos Santos teve sua matrícula negada por ser “de cor” se espalhou por toda a capital federal, com diversos jornais reproduzindo seu protesto e se posicionando diante do evidente caso de discriminação. No dia seguinte à publicação da carta, o *Correio da Manhã* ironizou que “o alvissimo director do collegio que só admite no seu seminario os principes petropolitanos de sangue azul [...] tal padre-mestre ainda é capaz de expulsar S. Benedicto da côrte celeste!”¹⁴⁷, assim como o jornal *A Época* que denominou a ação do diretor como um “acto de um estrangeiro que offende e humilha o paiz”¹⁴⁸.

O advogado e jurista Evaristo de Moraes foi um dos principais intelectuais negros a reverberar o caso. Publicado no jornal *O Imparcial: Diario Illustrado do Rio de Janeiro*, seu artigo “Preconceito de côr!” prestou apoio a Hemetério e se valeu da notícia para discorrer sobre inumeros outros episódios de discriminação e segregação racial nos ambientes escolares.

Foi citado que “o Collegio de Sion também não admite pretas, nem mulatas, salvo se estas forem muito DISFARÇADAS”¹⁴⁹, e que na Casa dos Expostos os “trabalhos rudes, pesados feitos ao sol, são distribuidos aos educandos de côr”¹⁵⁰. Evaristo continua elencando casos de exclusão racial na Marinha, no Instituto Profissional Feminino, no Corpo de

¹⁴⁴ A Noite (RJ), 4 de abril de 1917, n° 1901, p.

¹⁴⁵ Idem

¹⁴⁶ A Noite (RJ), 4 de abril de 1917, n° 1901, p.

¹⁴⁷ Correio da Manhã (RJ), 5 de abril de 1917, n°6615, p.

¹⁴⁸ A Epoca (RJ), 5 de abril de 1917, n° 1728, p.

¹⁴⁹ O Imparcial: Diario Illustrado do Rio de Janeiro (RJ), 6 de abril de 1917, n° 1554

¹⁵⁰ Idem

Bombeiros e até na Câmara dos Deputados, quando se opuseram ao reconhecimento de Monteiro Lopes como deputado eleito¹⁵¹.

A notícia da exclusão do filho de Hemetério continuou a ser abordada em outros periódicos, como a revista *O Malho* que publicou em 14 de abril a charge a seguir.

Figura 16: ABAIXO A NOVA PIRATARIA¹⁵²



Fonte: O Malho (RJ), 14 de abril de 1917, nº 761, p. 15

¹⁵¹ Idem

¹⁵² Transcrição: "O director de um collegio, em Petropolis, enviou ao professor Hemeterio dos Santos uma carta em que lhe comunicava a exclusão do corpo discente d'aquelle estabelecimento do filho do referido professor, devido a ser "de côr". Num gesto de indignação, o professor Hemeterio representou contra esse acto aos srs. presidente da republica e ministro do Interior e enviou áquelle director um eloquente protesto". - Dos jornaes). / HEMETERIO: - Não me conformo com a expulsão de meu filho, por "ser de côr"! ... Nunca se viu tal infamia no Brazil! Sou professor do Collegio Militar e da escola Normal, onde como em todos os estabelecimentos officiaes, ha alumnos de todas as côres! Pretos, mulatos e caboclos, sempre fizeram causa commum com os brancos, e desde os tempos coloniaes trabalharam pela fundação, pela consolidação da nacionalidade brasileira, por sua honra e por sua liberdade! Somos um povo culto, não somos primitivos! Vivemos á luz d'aquelle sol e não podemos admitir se afronte com a mancha de um preconceito odioso! Temos uma Constituição perante cujo texto não ha selecção de côres! Não admitimos que se pretenda enxovalhar esse texto, fazendo do preto, branco! Repito: não me conformo ... com essa nova pirataria nas casas de ensino, que funcionam no Brazil sob leis brasileiras! Protesto contra essa negra audacia e appello para os supremos magistrados da nação, nesta hora em que a patria precisa da defesa de seus filhos de todas as côres! ... / O DIRECTOR: - !!! ... (O Malho, 14 de abril de 1917, nº 761, p. 15)

Com o título de “ABAIXO A NOVA PIRATARIA”¹⁵³, a charge assinada por K. Lixto (Calixto Cordeiro) consiste na representação visual de Hemetério, do personagem Director e de um menino preto em alusão a vítima do caso. O professor aparece segurando na mão esquerda um chicote do “Protesto” e apontando para o emblema “Ordem e Progresso” presentes na bandeira do Brasil republicano que aqui é representada como um sol nascente, ladeado pela frase “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, lema da Revolução Francesa. Já sua mão direita está segurando um grande livro cuja lombar está escrita “Constituição” e na capa “Brazil dos Brasileiros”.

A presença desse conjunto de símbolos oficiais demonstra como o chargista se posicionou favorável ao protesto do professor, considerando que suas reivindicações eram quase uma defesa nacionalista legitimada pela Constituição brasileira, e que iam de encontro com o discurso dos Direitos do Homem e do Cidadão oriundos da França. Esse fato é corroborado com o texto abaixo da imagem em que se reproduz trechos da carta-denúncia de Hemetério, com ênfase na utilização da carta máxima da legislação brasileira como recurso argumentativo.

Outro fator é o aspecto humanizado da representação de Hemetério, que aparece com seus trajés elegantes e com uma expressão facial séria, além de estar segurando um chicote do seu protesto. Já o personagem Director é uma alusão ao padre alemão Adrianus, fato evidenciado pelo seu chapéu característico, tendo cometido a “Audácia estrangeira” de tentar pintar um menino preto da tinta “Branco” contida no balde do “Preconceito”, como se essa fosse a única forma dele ser matriculado no referido Colégio.

Ao comparar o modo que essa charge retrata a figura do professor com a imagem do tópico anterior (Figura 11), fica evidente que os dois protestos antirracistas abordados nessa parte da pesquisa foram interpretados de forma distinta pela imprensa. Na denúncia da exclusão de marinheiros negros em 1915 foram poucos os jornais que reverberaram a notícia, a maioria se limitando a reproduzir os telegramas trocados entre o professor e o ministro da Marinha, com poucas exceções de posicionamentos diante do caso.

Uma das opiniões identificadas foi a já analisada charge “CAMPANHA TELEGRAPHICA”, no qual Hemetério e a outra personagem negra são representados sem traços físicos humanizados, com as feições faciais que desaparecem dentro da cor preta uniforme do *blackface* (no caso da mulher) ou são exageradas (no caso de Hemetério).

¹⁵³ Esta charge foi originalmente identificada e analisada por Silva (2015).

No episódio da exclusão do filho do professor em 1917, a charge “ABAIXO A NOVA PIRATARIA” representa Hemetério de forma humanizada e séria, segurando numa mão a Constituição e na outra o chicote do “Protesto”. O intenso posicionamento dos periódicos nesse caso pode ser atribuído a uma série de fatores. Primeiro, mesmo que a exclusão de alunos negros fosse uma prática relativamente comum no Rio de Janeiro, como foi discutido anteriormente com as denúncias de Evaristo de Moraes, o fato da discriminação ter acontecido no campo pessoal de Hemetério trouxe uma atenção maior a problemática corriqueira, já que ele era figura pública respeitada por todo o Rio de Janeiro e teve sua posição enquanto pai e professor atingidos diretamente.

Em segundo, o contexto religioso que cercou o caso foi fortemente ressaltado na denúncia, uma vez que a escola envolvida recebia o nome de um santo católico (São Vicente de Paulo) e o diretor possuía uma ordenação de padre. Assim, os periódicos deram ênfase em como tais práticas baseadas no preconceito de cor seriam consideradas incompatíveis com a doutrina cristã.

O terceiro fator ainda gira em torno do diretor Adriannus, que era de origem alemã e cuja posição como estrangeiro já causaria certa desconfiança. Todavia, cabe ressaltar o contexto que envolveu esse período. No ano de 1917, a Europa estava sendo palco da Primeira Guerra Mundial, com a Alemanha participando da Tríplice Aliança e o Brasil apoiando a Tríplice Entente. Ou seja, para além de uma mera desconfiança com um estrangeiro, o posicionamento incisivo dos jornais adquiriu um forte teor nacionalista influenciado pelo contexto em que os alemães eram considerados inimigos do Brasil.

Diante de tais aspectos elencados, é possível perceber o porquê desse caso ganhar tanta repercussão, inclusive se alastrando para além das fronteiras cariocas e alcançando outros estados da República. Por exemplo, no Maranhão, terra natal de Hemetério, o jornal *Pacotilha* reverberou a correspondência que o seu ilustre conterrâneo enviou ao presidente e ao ministro do Interior¹⁵⁴. Já em São Paulo a diretoria da Federação dos Homens de Cor convocou uma assembleia para protestar contra a expulsão do menino pelo padre estrangeiro¹⁵⁵.

O jornal *O Exemplo* foi o principal representante da imprensa negra a abordar o caso¹⁵⁶. De origem gaúcha e grande admirador do professor Hemetério, o periódico na primeira página de três edições seguidas reproduziu e analisou criticamente os posicionamentos de cada jornal

¹⁵⁴ Pacotilha (MA), 7 de abril de 1917, n° 81, p.

¹⁵⁵ Correio Paulistano (SP), 10 de abril de 1917, n°19306, p.

¹⁵⁶ O Exemplo (RS), 22 de abril de 1917, n° 17, p.1 e 2

carioca e de outros estados, principalmente seus conterrâneos do Rio Grande do Sul. Ainda retornou meses depois para atualizar os leitores de como o caso havia se encerrado.

Ocorrido no mês de abril, o caso da exclusão do filho de Hemetério ocupou as manchetes dos jornais pelo país ao longo de quatro meses, até que no final de julho foi veiculado uma consequência direta ao colégio envolvido. No dia 24 de julho, o Conselho Superior de Ensino se reuniu para avaliar as demandas das instituições de ensino e, entre as diversas pautas, resolveram negar a solicitação de uma banca de avaliação ao Colégio S. Vicente de Paulo, após os membros apoiarem “uma representação firmada pelo sr. Hemetério dos Santos e enviada ao conselho pelo sr. ministro da Justiça”¹⁵⁷.

Após uma série de notas de apoio e críticas dos jornais sobre a decisão do Conselho Superior, o caso aparentemente se encerrou. Fato é que o episódio de exclusão do filho de Hemetério por ser negro e a circulação de seu protesto pela imprensa ficou gravado na memória coletiva da população carioca e nacional.

Seu impacto foi tão grande que nos anos que se seguiram foi constantemente lembrado como argumento contra outros casos de discriminação de raça e de classe, como em março de 1929, quando o jornal mineiro *Gazeta do Norte*¹⁵⁸ reverberou o caso carioca em que Bibi Ferreira, uma criança de 6 anos de idade e filha de Procópio Ferreira, foi proibida de se matricular no Colégio Sion devido seu pai ser um ator de teatro.

¹⁵⁷ Correio Paulistano (SP), 30 de julho de 1917, n° 19417, p. 2

¹⁵⁸ Gazeta do Norte (MG), 2 de março de 1929, n° 651, p.1

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hemetério José dos Santos foi um homem negro de pele escura, nascido numa província do Norte em pleno período escravista, e que conseguiu se estabelecer no Rio de Janeiro como um professor e intelectual de prestígio. Para além da ascensão social para si e sua família, Hemetério buscou construir um projeto coletivo de emancipação da população negra, através da luta pelo acesso à educação pública de qualidade e do combate aos pressupostos do racismo científico.

Sua ousadia em discordar publicamente da hierarquização racial que caracterizou o início da República trouxe para ele uma série de ataques no campo da imprensa, com destaque para aqueles mascarados pelo denso manto do humor racista. As diversas representações humorísticas de Hemetério identificadas ao longo desta pesquisa, marcadas por um discurso racializado e racista, denotam como uma sociedade pautada no ideário civilizatório europeu não aceitava que seus privilégios fossem questionados por um homem preto letrado, bem-vestido e respeitado.

Assim, o humor racista ou o racismo recreativo foi o mecanismo perfeito para tentar ferir o professor Hemetério, associando sua cor e fenótipo a estereótipos negativos e racistas previamente atribuídos ao negro, os quais permitiam a manutenção do discurso da harmonia racial, já que essas “piadas” eram vistas enquanto “brincadeiras inocentes” e “sem a intenção de ofender”, mantendo a continuidade de um imaginário racista protegido sob o escudo do riso.

Essas representações humorísticas não podem ser compreendidas apenas como um ataque pessoal ao professor Hemetério, mas sim como parte de recorrentes tentativas de inferiorizar a população negra e, conseqüentemente, perpetuar uma supremacia da brancura. Através da associação de aspectos negativos a cor preta, o uso da “caricaturização da fala”, comparações com uma África que seria atrasada em relação ao Brasil e outros recursos de fazer rir, as revistas ilustradas empreenderam discursos de questionamento da mobilidade social de negros e reafirmação de uma suposta inferioridade natural.

A expressão “desumanização/desumanizado” foi utilizada com frequência ao longo deste trabalho para enfatizar um dos principais atributos do racismo: a retirada da humanidade da pessoa negra. Esse aspecto simboliza a ideologia racista de que tudo relacionado a essa população deveria ser considerada inferior e que o negro não poderia participar plenamente do exercício da cidadania, sendo assim privado de acessar direitos básicos.

O uso da estética *blackface* denota esse mecanismo do racismo brasileiro ao retirar da representação visual do negro seus traços faciais, os aproximando de um ideário de abstração

ou até animalidade, em contraposição aos traços humanizados de alguns personagens brancos. A própria ênfase na cor do indivíduo negro expressa como o branco conseguiu atribuir para si o padrão de “ser humano” e por consequência se eximiu de ser racializado.

A comparação entre negros e macacos talvez seja o mais óbvio exemplo da desumanização, já que esse recurso racista foi utilizado para destituir Hemetério e outros letrados negros de suas aquisições materiais e simbólicas. Assim, recorreu-se a esse discurso oriundo das teorias raciais para colocá-los simbolicamente num lugar estático e naturalizado de inferioridade, fato que é continuamente reproduzido e atualizado até os dias de hoje.

Cabe destacar que ao longo da pesquisa, observou-se que as representações humorísticas referentes a Hemetério apresentavam complexidades interessantes. Enquanto o humor textual possui uma carga racista maior e mais frequente, em algumas charges pode-se observar ambiguidades e contradições. Um exemplo é que todos os casos de comparações racistas com a África e a figura de símios estão exclusivamente nos textos, ao passo que nas imagens relacionadas ao universo educacional há a presença de posicionamentos dos chargistas/caricaturas com considerável respeito ao professor.

Obviamente que tal análise não invalida a existência de outras charges e caricaturas profundamente racistas direcionadas ao Hemetério, ou significa que o racismo contra ele tenha sido mais brando, apenas demonstra que em torno de sua figura também pairava uma disputa de narrativas e discursos.

Hemetério conseguiu a proeza de construir sobre si uma dicotomia entre o respeito e o ódio da imprensa, conquistando alianças com intelectuais e seus respectivos jornais, e ao mesmo tempo atraindo a fúria de poderosos desafetos. Seja defendido ou atacado, um consenso é que Hemetério José dos Santos se posicionou incisivamente no espaço público do Rio de Janeiro, sendo impossível ignorar sua presença e atuação, suas opiniões e teorias.

De cartola e sobrecasaca, com o português formal na ponta da língua e um charuto na boca, o elegante professor preto transitou por espaços físicos e simbólicos majoritariamente brancos, discutindo com todos que ousavam atribuir ao negro qualquer atributo negativo. Utilizando seu fraque como armadura e sua voz como arma, ele adentrou na arena da imprensa desviando das flechas do humor racista e lutou pela construção de uma sociedade pautada na justiça, cidadania e equidade para toda a população negra.

REFERÊNCIAS

Periódicos

A Época (RJ)
A Escola Primaria (RJ)
A Imprensa (RJ)
A Noite (RJ)
A Reforma (RJ)
Brazil Moderno (RJ)
Correio da Manhã (RJ)
Correio Paulistano (SP)
Diário do Brasil (RJ)
Diário do Maranhão (MA)
D. Quixote (RJ)
Fon-Fon (RJ)
Gazeta da Tarde (RJ)
Gazeta de Noticias (RJ)
Gazeta do Norte (MG)
O Exemplo (RS)
O Filhote (RJ)
O Globo (RJ)
O Imparcial: Diario Illustrado do Rio de Janeiro (RJ)
O Malho (RJ)
O Paiz (RJ)
O Tempo (RJ)
Pacotilha (MA)
Revista da Semana (RJ)
Tagarela (RJ)

Bibliografia

ADVERSE, Angélica. **Dandismo & Jazz: A imagem sonora como signo de singularidade.** XVIII Colóquio de Moda - 2023

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação.** São Paulo. Cia das Letras, 2009. pág. 97.

ANTAS, Mayra Cristine Pessôa. **Que tal os da favela? : a construção da noção de favela a partir do humor na Primeira República .** Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2023

BARBOSA, Marialva. **Os donos do Rio.** Imprensa, Poder e Público. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BENEDICTO, Maria Margarete dos Santos. **Quaquaraquá quem riu? Os negros que não foram..:** A representação humorística sobre os negros e a questão do branqueamento da belle époque aos anos 1920 no Rio de Janeiro. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BORGES, António Cristiano. **De Jim Crow a Langston Hughes:** quando a música começou a ser outra. Dissertação (mestrado) – Universidade de Lisboa, Portugal, 2007.

DANTAS, Carolina Vianna. **O Brasil Café com Leite:** mestiçagem e identidade nacional em periódicos: Rio de Janeiro, 1903-1914. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

_____ **Manoel da Motta Monteiro Lopes, um deputado negro na I República.** Programa Nacional de Apoio à Pesquisa FBN/Minc, 2008. Disponível em:

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política (1888-1937).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Modernidades negras:** a formação racial brasileira (1930-1970). São Paulo: Editora 32, 2021 (1ª Edição), 296 p.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

LUSTOSA, I. **Negro humor -** A imagem do negro na tradição cultural brasileira. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 161–170, 1991. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i9p161-170. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25564>.. Acesso em: 08 ago. 2024.

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú.** São Luís: FACT/UEMA, 1999.

MARQUES, Cezar Augusto. **Dicionário Histórico - Geográfico da província do Maranhão.** São Luís: Typografia do Farias, 1870.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravidados e Livres** – experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Pretidão de amor**. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org). Cor e magistério. Niterói: EDUFF, 2006, p. 144-156.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1. ed. -São Paulo: Perspectiva, 2016

SANTOS, Aderaldo Pereira dos. **A Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos**. Rio de Janeiro, 2019.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. **Culturas Escolares e Experiências Docentes na Cidade do Rio de Janeiro (1854-1889)**. (Tese de doutorado) - UFF. Niterói, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Luara dos Santos. **Etymologias preto: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920)**. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – CEFET/RUJ, Rio de Janeiro, 2015.

_____. **História de professoras negras no Rio de Janeiro: Experiências e tensões de classe, raça e gênero (1870-1920)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SILVA, Rogério Souza. **Modernidade em desalinho: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936)**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

SKIDMORE, T. E. **Preto no branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOARES, Maria Alda Pinto. **“A escola” em manchete: educação e sociedade codoense (1916-1920)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1966.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Flavia Fernandes de. ; TORRES, R. S. . **Para além da abolição**: apontamentos sobre as iniciativas para a educação popular promovidas pelo movimento abolicionista (Rio de Janeiro, década de 1880). In: XXI Encontro Estadual de História - Trabalho, Cultura e Memória - ANPUH-SP, 2012, Campinas. Anais do XXI Encontro Estadual de História: trabalho, cultura e memória - ANPUH-SP. São Paulo: ANPUH-SP, 2012. p. 1-14.